

Ìyá Agbára

Ìyá Agbára


11TH BERLIN

BIENNALE 2020

THE CRACK BEGINS WITHIN

**Virginia Borges,
Gil DuOdé e
Virginia de Medeiros**

María Berríos,
Renata Cervetto,
Lisette Lagnado,
Agustín Pérez Rubio



1	Claudia Sampaio Silva	6
2	Diana Schreyer	15
3	Virginia Borges	26
4	Virginia de Medeiros	37
5	Lucrécia Boebes-Ruin	48
6	Vera Regina Menezes	63
7	Nina Graeff	71
8	Nitzan	79
9	Mirah Laline	89
10	Luanny Tiago	99
11	Gilmara Guimarães	118

“O Candomblé é uma religião feminina, criada por mulheres. A força do candomblé é feminina. Por que são as mulheres? Porque é a mulher quem gera. É só a mulher que dá à luz. É só a mulher que tem útero. A religiosidade do candomblé é abrangente, abraça todo mundo. Quem abraça uma família grande? Sempre é a mãe”.

Babalorixá Muralesimbe (Murah Soares)
Líder religioso do *Ilê Obá Sileké*



**1 Claudia
Sampaio
Silva**

Eu me chamo Claudia Sampaio Silva, nasci na Bahia, na região da Chapada, próximo a Andaraí numa cidade bem pequena chamada Colônia de Itaitê. Fui para Salvador aos 5 anos de idade com a minha família. Na Alemanha cheguei, pela primeira vez, em 1988. Eu vim visitar uma tia que estava com 2 filhos pequenos, ela estava sobrecarregada com as crianças. Eu vim ajudar e aproveitar para sair do Brasil, foi em 87, final do Golpe Militar de 64 para entrada da chamada Democracia. Uma época muito conflituosa! Tranquei a Faculdade e fiquei um ano em Berlim, de 88 ao ano de 89. Neste período, conheci meu ex-marido.

Voltei para Salvador no ano de 89 e concluí o curso de Comunicação. Sou jornalista. No ano de 91, quando eu concluí a Faculdade, vim morar aqui em Berlim. Eu me casei e fiquei aqui até hoje e não pretendo sair daqui mais nunca.

A casa de Candomblé, em Berlim, foi uma das coisas mais surpreendentes que eu vivenciei na vida. Porque um belo dia, do nada – eu nunca entrei numa casa de Candomblé na Bahia –, recebi o convite de uma amiga para visitar um lugar. Um pequeno templo que o Babá Muralesimbe criou aqui em Berlim, num apartamento bem pequenininho. Era um dia de festa para as Yabás, para as mulheres do Candomblé. A casinha era pequena, lotada de gente, e tinha uma energia tão boa! Foi aí que me apaixonei pela ideia de fazer parte do

Candomblé. Me apaixonei pelo encanto das pessoas, fui atravessada por esta energia. Entrei no Ilê Obá Sileké.

Em 2007, mudamos para o bairro Kreuzberg, onde estamos até hoje. Algumas pessoas dizem que não existem coincidências. E foi muito curioso o que experimentei quando entrei pela primeira vez no *Ilê*, um rapaz de *Oxalá* abriu a porta para mim. Uma pessoa que eu nunca havia visto antes disse: “Um *Oxalá* tá indo embora e outro tá chegando.” Eu sou de *Oxalá*. Aquele momento foi muito significativo. Como eu falei, eu nunca tive nenhuma relação com o Candomblé na Bahia. Eu frequentei curso de espiritismo, visitei algumas mesas brancas de Umbanda, mas nunca tive vínculo com nenhuma destas casas. De repente eu estava numa comunidade tomando café da manhã junto, aprendendo a rezar, a fazer orações e oferendas. Para mim, foi muito interessante esta experiência coletiva. A casa expandiu aqui em Kreuzberg, agora temos este espaço maravilhoso! Com a expansão, conquistamos aprendizagem e confiança, mas também muitas responsabilidades chegam junto.

Quem não tem noção de Candomblé, procura entender por comparação. O interessante é que **o Babá Muralesimbe, para que não haja expectativas frustrantes, sempre esclarece a respeito de adaptações que necessitam ser feitas na Alemanha para conviver e cultivar os Orixás.** Adaptações que buscam permanecer

o mais fiel possível. Este é um aprendizado muito importante, oferecido pelo *Babá*.

A maioria das pessoas busca as religiões como um pilar para resolver os problemas da vida. Mas a religião não é nada disso, certo? A gente sabe que as religiões são para fortalecer o homem independente da sua crença. As religiões nos ajudam a lidar com a realidade de uma maneira mais serena. Eu sou uma pessoa muito crítica em relação à concepção da religião, quando é colocada como uma coisa imprescindível na vida do ser humano. Porque, para mim, o que vale é a espiritualidade, não a religião. Por isso, me surpreendo comigo mesma em permanecer por tanto tempo no Candomblé.

Eu tenha algumas restrições, mas eu sei que é quando chegamos ao nosso limite que o grande aprendizado se apresenta. Aprender a tolerar o que me irrita, aprender a conviver com diferentes opiniões e atitudes; muitas vezes completamente opostas às minhas, é o grande desafio que a espiritualidade me colocou. Às vezes venho caminhado, andando sem muita vontade de chegar aqui, mas de repente, quando eu atravesso aquela porta, percebo o sentido de tudo. Este sentimento me mantém no Ilê. A vontade de cultuar os Orixás e sentir conscientemente esta energia fluir na minha vida é revigorante. Essa energia sempre fluiu, mesmo eu não sendo iniciada, ela vai

fluir. Este é um ponto que considero importante e que a comunidade do Candomblé tem que se dar conta.

Recebi uma tarefa muito importante no Candomblé que é a Cozinha. Quem recebe este cargo se chama Iyabassé, que é a mulher que cozinha para os Orixás, para as Deusas e Deuses. Ela é a responsável pelo preparo dos alimentos sagrados no Candomblé.

Eu tive a honra de ser ensinada diretamente por *Babá Muralesimbe*. Sempre com a ressalva que a cozinha, a culinária, o cardápio do Candomblé varia de Casa para Casa. Claro que existem os alimentos que são sagrados em qualquer lugar do mundo e se referem a cada *Orixá*. Mas as receitas variam como na casa da gente. Por exemplo: todas conhecemos a sopa de batata, certo? Mas você faz uma sopa de batata de um jeito e a sopa de batata dela já é de um outro jeito. Enfim, o que eu quero dizer é que o *Babá* teve a vontade e a paciência de me ensinar suas receitas. Eu aprendi muita coisa. Eu aprendi muitas coisas como uma mulher candomblecista não iniciada. Na estrutura do Candomblé, eu li isso há pouco tempo, as *Iyabassés* teriam que ser iniciadas. O cargo tem que ser ocupado por uma mulher.

Realmente, é uma grande honra cozinhar para o Candomblé. Embora eu não seja iniciada, sempre me preocupei com a seriedade desse cargo. Porque a

energia que uma *Iyabassé* manipula é muito poderosa. Como *Iyabassé*, quando chego na cozinha com a incumbência de fazer uma oferenda para alguma pessoa, eu sempre me preocupo em saber o nome dessa pessoa. Porque todo o tempo do preparo da comida vou pensar nela, vou metalizar coisas boas para ela todo o tempo. Cozinhar é uma forma de oração. Então eu não estou na cozinha para conversar, pra brincar nem contar piada, estou na cozinha orando. Mas, é claro, que tem momentos que isso procede, é normal, é humano e é saudável rir. A gente se alegra com a comunidade. A gente passa o dia com a comunidade, queremos reviver momentos, dividir histórias. Mas quando estou na cozinha, estou concentrada. Eu estou em conexão com a pessoa que está oferecendo a oferenda, com o preparado da oferenda e com os *Orixás*.

Mas enfim, a gente tem que aprender a relevar o ego. Este é meu maior desafio nesta casa, ser fiel ao que aprendi. Fiel à sabedoria dos *Orixás*. E, neste pacto de fidelidade, trabalho a paciência, inclusive comigo mesma. Isso é fundamental. Nos esforçamos para ter paciência com a vida e esquecemos da gente. Enquanto eu for tolerada, na minha restrição de não querer iniciar, estarei aqui sempre de coração aberto e esperando que haja uma geração que se interesse pela cozinha. Que se interesse em guardar os saberes dos preparos e levar isso à frente, porque a gente vai

envelhecendo. **A gente precisa de pessoas que entrem no Axé**, sabendo que Axé é sacrifício e é troca. A troca que o *Babá* sempre fala. Nós mulheres sabemos que a cozinha é um trabalho ingrato.

Esta experiência aqui no Candomblé é fundamental para mim, foi meu maior ganho até agora aos 53 anos de vida. Aceitar os *Orixás*, aceitar as minhas limitações, tolerar as diferenças, é um desafio diário. É um desafio da interioridade de quem cultiva a espiritualidade.

E o que é a espiritualidade? O que é? É um estado de conexão com sua força interior. Eu rezo todos os dias pela manhã os salmos. Eu faço o Evangelho no lar, comigo mesma, sozinha aos domingos em casa. Eu chego em Salvador, na Bahia, vou assistir à missa com minha mãe. A minha mãe me pergunta: “Minha filha qual é a religião que você tem? Em Berlim você vai no Candomblé, aqui no Brasil você vai tomar passe, vai pra missa...? (risos) Eu digo: “Mãe, vários são os caminhos que levam a Deus. Eu não tenho que escolher um único caminho! Eu tenho que me sentir próxima de Deus. Eu tenho que sentir Deus dentro de mim.” É por aí!

Outra coisa importante de vivenciar na cozinha sagrada do Candomblé, aqui em Berlim, é como lidar com a falta de alguns ingredientes. Eu me lembro que quando eu cheguei aqui, no ano de 88, eu trazia do Brasil dendê, leite de cocô entre outros ingredientes. Com a globalização, muitos ingredientes chegam aqui,

isto facilitou muito a vida das *Iyabassés*. Hoje em dia, a gente encontra 99% dos alimentos secos. O próprio azeite de dendê e o leite de côco que são a base da cozinha do Axé; a folha de bananeira, sem acaçá não existe Candomblé, já encontramos aqui nos mercados asiáticos e africanos. Mas, é claro, existem algumas ervas que fazem falta, e a gente tenta trazer do Brasil, mas até isso estamos superando. Sabe por quê? Porque a necessidade de seguir faz com que desenvolvamos outros aprendizados. Hoje a gente percebe que tem têm muitas plantas aqui na Alemanha que se adaptam à necessidade do Candomblé e que atendem à cura. Há 20 anos atrás a gente não percebia. Isso é muito positivo, porque dá alento e força para as pessoas que buscam esse tipo de cura natural. Muitos ritos de cura que antigamente só se podia fazer no Brasil, hoje em dia se pode fazer aqui em Berlim.

Eu nunca convidei ninguém para vir aqui no Ilê. As pessoas que me conhecem, que tenho intimidade, sabem que eu sou adepta do Candomblé, que vivencio essa religião aqui em Berlim. Mas eu nunca tentei convencer ninguém a vir até aqui participar dos ritos, nem mesmo meu namorado. Se eu fosse todos os domingos à igreja, eu não ia insistir para que ele fosse comigo. Por que vou fazer isso com o Candomblé? Temos que quebrar o estereótipo de uma religião exótica. A espiritualidade não é assunto de chamado de fora para ter adeptos, mas trata-se de um chamado

de dentro. As pessoas têm que se escutar e sentir. **E é com o coração que falamos com os Orixás,** não adianta seguir com todos os dogmas, preceitos, regras do ritual e tradições **ao pé da letra se seu coração é mudo.** **Candomblé é energia, uma hora você recebe a conta.** Não estou falando de vingança dos deuses de maneira nenhuma. Os deuses não castigam ninguém, não existe isso! Eu acredito que nós mesmos nos perturbamos, nos cobramos e nos ameaçamos. E a gente busca um monte de nome, de explicações e de responsáveis pra esse tipo de comportamento. É um alerta que faço para as pessoas: “Saiba o que você quer antes de mexer com energia, antes de se dedicar a qualquer tipo de espiritualidade. Porque se a gente não sabe para aonde quer ir, nenhum vento ajuda.” Esta é a reflexão que deixo para quem quer se agregar a algum templo espiritual, como o nosso aqui em Berlim.

Esta Casa que tem muito Axé!!! E, digo mais, as adaptações que tivemos que passar é o que mais simboliza sua força.

2 Diana Schreyer

Ich bin Diana, 50 Jahre alt, ich wohne seit 6 Jahren in Berlin und gehöre seit 3 Jahren zum Candomblehaus in Berlin. Eigentlich komme ich aus einer kleinen katholische Stadt an der tschechischen Grenze. Dort gibt es ganz viele Wälder, Wiesen, Felder, Bauernhöfe, Kirchen, Klöster, Grotten mit Marienerscheinungen, Marterln und den Wallfahrtsort Therese von Konnersreuth.

Im Alter von 20 Jahren kam ich dann in Bayreuth mit dem Afrika Haus in Kontakt. Ulli Beyer, der damalige Leiter, war der Mann der Oshun Priesterin Susanne Wenger. Sie hat viele Jahre mit ihrem Mann in Nigeria gelebt. Sie war Künstlerin und wurde inisiert und hat sich um die Schreine von Oshun gekümmert. Rückblickend finde ich es spannend, dass ich eigentlich damals schon mit diesem Thema zu tun hatte ohne zu wissen, dass es 20 Jahre später nochmal in mein Leben tritt. Im Afrikahaus gab es Vorträge, Konzerte, es gab Veranstaltungen der Ethnologie und Islamwissenschaft. Unter anderem gab es einen Film über Mami Wata. Und eine Dozentin reiste damals sogar eigens aus Berlin an, um über Zauberei & Hexerei in Afrika zu sprechen. Ich war fasziniert. Menschen durchquerten mit den Tuareg die Wüste. Die Wüste übte ihre Faszination auf mich aus. Ich lernte aber alles nur in Filmen & Seminaren kennen.

Mit einer Freundin wollte ich damals nach Marokko

gehen und reiten. Reiten habe ich gelernt in der Zwischenzeit, in Marokko war ich bis heute noch nicht. Aber ich habe damals ein halbes Jahr im Nahen Osten gelebt.

Es war Jordanien. Hätte ich es mir aussuchen können, wäre ich damals vermutlich viel durch Afrika gereist um alles selber zu erleben und den Einfluss von Sprachen aufeinander zu untersuchen. Arabisch, Swahili, Spanisch, Französisch waren damals mein Ding. Ich habe alles aufgesaugt. Aber wie so oft kommt es dann anders im Leben, als man denkt

Im Alter von 33 Jahren zog ich dann ins Saarland. Ich zog dort meine Tochter groß. Ich habe in der Nähe des Staatstheaters gewohnt und viel Zeit im Theater verbracht. Damit tat sich wieder eine neue Welt auf, die Welt des Theaters. Es gab das Le Carreau in Forbach, Festival Perspectives und das Max Ophüls Filmfestival in Saarbrücken. Es gab öffentliche Ballettproben und Tanzworkshops für Amateurtänzer mit den Balletttänzern des Staatstheaters, französische Literaturtage, Einführungsmatinées und -soirées für Opern & Ballettstücke. Nach und nach erschloss sich mir, wie Bühnenbild, Musik, Tanz, Kostüm, Maske usw. ein Ganzes ergeben. Es war wieder eine spannende Zeit und ich mittendrin.

2009 lebte ich noch in Saarbrücken. Und da gab es ein

Tanzwochenende Afro Dance in Saarbrücken, vielleicht ahnst du, wer ihn gegeben hat? Bezeichnenderweise gab es dazu noch ein Ritual für Obaluaie. Weder sagte mir *Candomblé* zu diesem Zeitpunkt etwas, noch hatte ich mit Portugiesisch etwas auf dem Hut. Es folgten weitere Tanzworkshops in Saarbrücken und Berlin, die Teilnahme am Karneval der Kulturen mit Afoxe Loni 2011 in Berlin und bald die ersten öffentlichen Rituale im *Candomblé* Haus. Als meine Tochter dann auf eigenen Beinen stand, habe ich 2014 meine Koffer gepackt und bin hierhergezogen. Nachdem ich Baba in Saarbrücken kennengelernt habe als Tanzlehrer, kam ich immer öfters zu Tanzworkshops nach Berlin. Und irgendwann geht man dann auch zu öffentlichen Ritualen. Und so hat es seinen Lauf genommen. Ich habe dann eigentlich nur spaßeshalber angefangen mich zu bewerben, ich dachte, das klappt eh nie. Im Saarland war der Arbeitsmarkt sehr schlecht. Aber ich war dann sehr erstaunt, dass ich immer öfters zu Vorstellungsgesprächen eingeladen wurde in Berlin. Und so nach 1.5 Jahren war ich dann hier. Es ging dann ganz schnell innerhalb von 4 Wochen. Wohnung in Saarbrücken gekündigt, Arbeit gekündigt, Freitag losgefahren und Montag fing das neue Leben an hier. Ich kannte nur Leute aus dem Candomblehaus bzw. aus dem Forum Brasil.

Ich arbeite jetzt seit ca. 15 Jahren in verschiedenen Universitätsverwaltungen, von Sekretariat über

Finanzverwaltung, jetzt akademisches Auslandsamt. Also immer klaren Regeln folgen. Ich glaube, das kann ich gut, deshalb passe ich wahrscheinlich auch gut als Ekeki.

Im Allgemeinen würde ich über Spiritualität sagen, dass man Dinge erlebt, die man nicht erklären kann zwischen Himmel und Erde. Aber man akzeptiert sie einfach und man erkennt, dass man nur eine kleine Nummer ist im großen Getriebe. Und man hält dann den Ball flach.

Ich finde, dass Candomblé Impulse anbietet. Man kann sie ignorieren oder annehmen. Das entscheidet man dann für sich selbst. Den Weg geht man auf jeden Fall selber. Man wird immer wieder in Frage gestellt, es hört nie auf und man kann nicht mal für sich selbst die Hand ins Feuer legen. Heute scheint alles ganz klar zu sein, morgen ist es vielleicht anders. Niemand weiß es. Damit muss man leben können. Es ist kein einfacher Weg. Man konsumiert nicht als Sohn oder Tochter des Hauses, sondern man wird in die Pflicht genommen.

Acho que o Candomblé oferece impulsos. Você pode ignorá-los ou aceitá-los. Você vai decidir isso por si mesmo. É um caminho que se toma. Você está sendo constantemente questionado e isso nunca para. Você não pode colocar sua própria mão no fogo nem por você mesmo. Hoje tudo parece estar muito claro, amanhã pode

ser bem diferente. Ninguém sabe. Você tem que ter saber e poder viver na incerteza, mas com confiança. Não é um caminho fácil.

An manchen Tagen frage ich mich, warum tu ich mir das an? Vor allem die öffentlichen Rituale sind sehr anstrengend für die Töchter & Söhne des Hauses. Gegen Geld könnte man sich alles Mögliche kaufen in der Esoterikwelt. Aber letztlich ist es so, dass man sich hingezogen fühlt so wie eine Art Berufung, so dass man immer wieder kommt, auch wenn man manchmal vor Erschöpfung den Kopf unter dem Arm trägt.

Alguns dias eu paro e me pergunto: no que estou me metendo? Especialmente quando participo dos rituais públicos do Candomblé. Eles são muito cansativos para as filhas e filhos da casa. Mas, no final, é como uma espécie de vocação, que faz você sempre voltar, mesmo que você esteja exausto.

Es hat sich vor einem Jahr herausgestellt, dass ich Eke di sein werde. Ich bin zum ersten Mal nach Brasilien gereist. Ich habe dort eine ältere Dame besucht, die schon seit vielen Jahren Eke di ist und die sagte mir ins Gesicht, ich bin Eke di und mein *Orixá* hat mich nach Santo Amaro gebracht. Und dann bin ich zurück nach Berlin und dann wurde das Jogo de Búzios befragt und tatsächlich, die Rolle einer Eke di ist mir vorbestimmt. Und ich werde jetzt so *peu a peu*

herangeführt. Es ist noch sehr vieles neu und ich habe noch viel zu lernen. Aber ich fühle mich wohl. Ich denke, es wird langfristig zu mir passen. Im Sommer ist geplant, dass ich meine obrigação mache. Zu Olubaje.

Es fing damit an, dass ich mich um ganz einfache Dinge gekümmert habe wie die Wäsche im Allgemeinen. Dann bereitet man die Rituale mit vor. Man versucht vor auszuplanen, was braucht man wann. Was kann ich machen? Was ist mein Anteil? Aber letztendlich soll ich bei Initiationen helfen. Aber was dann auf mich zukommt, weiß ich erst, wenn ich selber initiiert bin. So zeitintensiv wie *Candomblé* ist, wird es mein Leben sehr bestimmen. Ich verbringe eigentlich jetzt schon drei Tage hier im Candomblehaus. Also einmal um Portugiesisch zu lernen, einmal um die Opfergaben mit zu überreichen am Mittwoch. Und samstags ist ein allgemeines Treffen. Entweder singen wir, oder wir bereiten wieder Opfergaben vor für die Orixas. Je nachdem, was gerade angesagt ist.

Obaluaiê ist mein Orixá. Über ihn hört man und liest man immer nur Krankheit und Heilung. Aber er ist auch Herr der Erde und Herr der Sonne. Das gefällt mir sehr gut. Und ganz am Anfang sagte man mir, ich solle mir vorstellen, dass ich mit meinen Füßen am Boden bleibe und immer mit dem Kopf in der Sonne. Dies ist für mich einfach eine schöne Sichtweise auf das Leben.

Obaluaiê é meu Orixá. Sobre ele fala apenas que é o Senhor da Doença e o Senhor da Cura. Mas ele é também o Senhor da Terra e o Senhor do Sol. Eu gosto muito disso. E logo nos primeiros dias que entrei nesta casa me disseram para imaginar que eu deveria ficar com os pés no chão e, sempre, com a cabeça ao sol. Esta é simplesmente uma bela visão da vida para mim mesma.

Wir sind alle hier im Ilê sehr unterschiedlich. Jeder ist anders, kann man sagen. Jeder hat ein anderes Talent und jeder kann es hier einbringen gemäß seiner Veranlagung. Jeder bekommt auch eine Aufgabe von Baba. Und jeder ist dann auf seine Weise Teil des Ganzen.

Es ist natürlich alles sehr fremd, ich verstehe auch nicht immer alles. Manchmal ist es so eine Art hop on und hop off. Und dann aus heiterem Himmel ist mir alles klar. Und dann verstehe ich auch was Brasilianer sagen entweder wortwörtlich oder intuitiv. Irgendwas kommt einem bekannt vor. Und man kann etwas rückschließen.

Ich habe halt immer das Gefühl, dass alle Sender in mir auf Empfang sind, ohne es aber mit dem Kopf verstehen zu wollen. Manchmal habe ich den Eindruck, ich verstehe etwas intuitiv, aber ich könnte das dann nicht mal auf Deutsch jemandem erklären, quasi was ich jetzt wahrnehme. Also ich komme

zurecht irgendwie, ich schwimme hier mit, aber es ist halt nichts Analytisches, oder so. Es passt, egal, was passiert. Also, ich habe jetzt keinen Anspruch an mich. Ich habe jetzt kein Muster, in dem ich jetzt alles, was ich erlebe, irgendwie reinpacken kann. Ich habe keine Erwartungshaltung. Ich nehme es einfach nur wahr. Das ist jetzt Yorubá, Brasilianisch, Deutsch, mittlerweile höre ich auch wieder Hebräisch. Also, ich mache mir einfach keinen Kopf.

Sempre tenho a sensação de que todas as emissoras em mim estão antenadas, mas não quero entender isso racionamente. Às vezes tenho a impressão de que compreendo algo intuitivamente, mas depois não conseguiria nem mesmo explicar a alguém em alemão. Como o que estou percebendo neste exato momento, não tenho como explicar. Mas isso se encaixa, não importa o que aconteça. Portanto, agora não tenho nenhuma pretensão sobre mim mesmo. Eu não tenho um padrão no qual eu possa de alguma forma me inserir, em relação ao que eu experimento agora. Eu não tenho expectativas. Eu apenas percebo... Isto agora é iorubá, brasileiro, alemão, agora eu ouço hebraico novamente.

Candomblé in meinem Leben bedeutet auf jeden Fall immer mehr. Man bekommt Regeln als Tochter des Hauses, quasi wann man sich wie kleidet, wann man was machen muss. Es klingt erstmal sehr reglementiert, aber es gibt auch Freiheit, finde

ich. Es ist ein Widerspruch an sich, aber ich habe irgendwo mal gelesen, wenn man sich festlegt, also sich verbindlich zeigt, sich verpflichtet, es gibt einem sehr viel Freiheit. Und das spüre ich in mir selber. Weil einfach viele andere Möglichkeiten wegbrechen. Die sonst vielleicht meine Zeit oder Energie kosten würden. Vielleicht mit Dingen Zeit verbringen würde, die auch interessant wären, aber die jetzt einfach nicht mehr passen. Also Candomble bestimmt definitiv das Leben. Ja. Mehr und mehr, ohne dass ich jetzt weiß, was dann nächstes Jahr sein wird, wenn ich initiiert bin. Ich lasse es einfach kommen.

De qualquer forma, o Candomblé significa cada vez mais em minha vida. Você recebe regras como filha da casa: quando e como se vestir, o quê fazer, etc. A sensação é que são muitos regulamentados, mas também há liberdade. É uma contradição em si. Mas eu li, em algum lugar, que o assumir um compromisso lhe dá muita liberdade. E eu sinto isso em mim mesmo. Porque simplesmente muitas coisas se rompem e outras possibilidades surgem. Portanto, o Candomblé definitivamente rege a vida. Sim e cada vez mais, sigo sem saber o que será o próximo ano quando eu for iniciada. Eu simplesmente deixo fluir.



3 Virginia Borges

A Minha mãe é meu chão, meu alicerce, ela é uma mulher de Xangô. Minha filha, minha grande companheira de vida, é uma mulher de Xangô. Agora estou gestando um menino, um Xangozinho! (Disse o Erê) A cumieira do Ilê Obá Sileké é de Xangô!

Eu sou Virginia Borges, brasileira. Nasci em São Paulo capital, mas me criei no interior. Meus pais são engenheiros agrônomos, militantes contra o uso de agrotóxicos desde os anos 80, quando nasci. Eles se conheceram na universidade e me tiveram muito jovens. Eu fui criada pela minha avó até os 7 anos. O meu avô materno era um produtor familiar com um cargo de confiança numa fazenda no interior paulista. A minha avó materna era espanhola, veio de uma família muito simples de camponeses imigrantes, mas a nossa vida sempre foi de muita fartura na fazenda. Fui criada com gemada feita de leite de búfala com ovo de galinha caipira!

A minha mãe me deixou um grande legado não apenas no campo intelectual, mas principalmente no rompimento do papel que estava predestinado para uma mulher da sua geração e condição social. Ela tinha 8 anos de idade quando decidiu sair do campo e ir para cidade morar na casa de uma tia para estudar. De Marília-SP, ela foi para o mundo. Fez Graduação, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e assim, construiu uma carreira internacional no campo da

Agroecologia.

Eu sou formada em Design de Moda, passei dez anos trabalhando no departamento de criação como estilista na indústria têxtil em São Paulo. Mas acabei encontrando mais sentido na minha carreira de estilista atuando com políticas públicas de moda ética e sustentável junto ao Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Foram alguns anos de trabalho, de 2008 a 2014, viajando pelos rincões do Brasil, produzindo coleções de bolsas e outros acessórios de moda com grupos de mulheres agricultoras familiares em diferentes contextos rurais do país.** Estive criando coleções com grupos de artesãs no Pará, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Bahia, Minas Gerais, entre outros. **Estes grupos de mulheres atuavam como coautoras das coleções, foi uma experiência humana e criativa que me transformou profundamente.** Mergulhei em um contexto oposto ao do sistema industrial fabril, que via o colaborador apenas como mão de obra. As técnicas que as artesãs dominam são saberes adquiridos localmente e passados de geração em geração. Das tecelãs de lã de carneiro no Rio Grande do Sul, às extrativistas em fibra de tururi na Amazônia, estar em contato com essas mulheres detentoras de um conhecimento tradicional afro-indígena ancestral foi muito inspirador e produtivo!

Fiz uma reflexão preliminar sobre essa experiência e ganhei o prêmio Brasil Criativo do Ministério da Cultura em 2013. No Mestrado, aprofundei a minha reflexão sobre essa experiência. Recebi uma bolsa para desenvolver parte da pesquisa na França e foi assim que cheguei à Europa, em julho de 2017. Isso foi pouco tempo depois do golpe contra a presidenta Dilma Roussef, o que me marcou muito, pois quando o Michel Temer assumiu, o Ministério da Educação cortou o edital que acabara de possibilitar a minha saída do país. Ou seja, eu sai do Brasil na última leva de pesquisadores subsidiados por meio daquele edital público. O meu marido, na época o meu namorado, tinha uma bolsa de pesquisa vinculada a Berlim. Decidimos nos instalar na Alemanha, assim que a minha pesquisa acabou na França. Meu processo de adaptação na Alemanha foi bem complicado, porque eu estava terminando de escrever uma dissertação em português, trabalhando com meu professor e com a conservadora do Museu Etnográfico de Paris em francês e resolvendo minha vida na Alemanha em inglês. Isso quer dizer que, passei um período desterritorializador, sentindo-me bastante vulnerável socialmente, até me entender e começar a me reinventar no contexto alemão. O *Ilê Obá Sileké* foi muito importante para o meu processo de adaptação em Berlim. Percebo que a minha relação com a casa foi tecendo a minha relação com o meu entorno em um sentido mais amplo como mulher migrante latino-

americana na Europa. Hoje meu vínculo com Berlim, deve-se muito ao meu vínculo com o Ilê.

Candomblé

A minha experiência com o Candomblé teve início no Brasil. De 2015 até 2017, fui *abian* no terreiro do *Babá Tonykã* em Barão Geraldo, Campinas. Foi em uma oferenda à Yemanjá que eu senti a presença do meu *Orixá* pela primeira vez. Eu bolei, isto é, entrei em transe, e em vez de me recolher, o meu *Orixá* foi suspenso pelo *Babalorixá*. Isto significa que fui escolhida pelo meu *Orixá* e reconhecida pelo pai de santo daquela casa. Aquilo também significava que eu, em algum momento, teria que *dar a minha obrigação*, ou seja, eu deveria ser iniciada na religião naquela ou em outra casa de santo. Eu queria ser iniciada, mas eu tinha dúvidas se aquela era a minha casa, pois isso aconteceu um pouco antes da minha vinda para Europa.

Em Berlim, fiquei sabendo da existência do *Ilê Obá Sileké* pela internet. A princípio achei que fosse apenas um espaço cultural que oferecia cursos de capoeira e língua portuguesa. Não entedia que era possível que aquele espaço cultural em *Kreuzberg* pudesse ser também um terreiro de candomblé. O tempo foi passando e eu continuava sentindo a presença do meu *Orixá*. Em minha mente, eu pedia para Yemanjá

encontrar uma casa para que eu pudesse continuar o meu caminho espiritual na Europa. **Passou quase 1 ano, quando a minha filha (de Xangô), fez amizade com a Uriara (de Iansã) atriz, feminista, militante e amiga do Babá Murah, que por sua vez, é o líder espiritual do Ilê Obá Sileké. A minha filha combinou de ir ao terreiro na semana seguinte que conheceu Uriara e me levou com ela.** No mesmo dia sentei na esteira, *enin* em Yorubá. Isso quer dizer que me senti em casa e também que fui aceita como *abian*, ou seja, como filha de santo ainda não iniciada na religião. **Hoje, na minha percepção de yawo, ou seja, como filha de santo já iniciada no candomblé, percebo que a enin pode ser entendida como pele, por meio da qual nos conectamos como parte de um corpo mais amplo: o corpo “etéreo” do nosso Orixá.** Eu bolei no primeiro *Olubajé* que estive presente no *Ilê*. *Olubajé* é uma festa bastante específica dentro do *Candomblé*. É a festa na qual se oferece um banquete ao *Orixá* rei *Obaluaê*, filho de criação de *Iemanjá*. Depois disso, permaneci apenas 6 meses como *abian* no *ilê*, joguei os búzios com *Babá Murah* e o oráculo estava dizendo que eu já tinha que me preparar para iniciação. Foi tudo muito rápido.

Nesta fase que precedeu a minha decisão de me iniciar na religião, eu estava encerrando meu trabalho de pesquisa de campo no litoral norte da Bahia com um grupo de mulheres extrativistas e artesãs que operam técnicas remanescentes *Tupinambá* com

fibras vegetais. Como estava ao lado de Salvador, fui jogar búzios com *Babá Obaràyí*, pai de santo da *Yá Omindarewá*, mãe de santo do *Babá Tonykã*. Procurei seguir a linha da ancestralidade da casa onde tive o primeiro contato com o meu *Orixá* no Brasil. O *Ilê Axé Opô Aganjú* é uma casa de *Xangô* da nação *Ketu*, uma das mais antigas da Bahia. Aquele foi um jogo muito forte pra mim. Ele falou que eu precisava *dar a minha obrigação* o quanto antes. **As obrigações são os ritos que marcam a trajetória e a relação entre a filha de santo, o seu *Orixá*, assim como com a comunidade que a recebeu.** Naquela época eu estava com problema de hipertireoidismo. Por coincidência ou não, meu tratamento foi feito com iodo. O iodo está nas águas do mar e a minha *Orixá* é *Yemanjá*, a mãe das águas salgadas! Eu fui convidada para fazer a *feitura* (o mesmo que dar obrigação) na Bahia, fiquei lisonjeada. Mas eu não queria ser uma filha de santo à distância e, neste processo, entendi que queria ser iniciada na Alemanha. E foi assim que eu me tornei *yaô* no *Ilê Obá Sileké*.

Como historiadora da Arte de Tradição não-Europeia, candidata ao doutorado na Universidade Livre de Berlim, estou propondo uma pesquisa que perpassa a questão da reinvenção do Candomblé na Alemanha. Quando cheguei no *Ilê*, a dupla identidade do terreiro me chamou muito atenção – um espaço que é, ao mesmo tempo, um centro cultural e um

terreiro de *Candomblé*. Em um primeiro momento o centro cultural se destacou para mim, ele veio na frente. Depois entendi que também era um espaço religioso, no qual o *Candomblé* realmente acontecia. Acho interessante como essa operação se dá na prática – o *Candomblé* lido na chave da cultura na Europa. **A história do *Candomblé* reúne um legado de um patrimônio cultural material e imaterial afro-brasileiro. Uma história de perseguição ao povo negro, de luta, de resistência e de reinvenção que ainda precisa ser muito pesquisada, ouvida e principalmente reescrita a partir de uma perspectiva não-Europeia. As reminiscências africanas no Brasil, suas técnicas, seus rituais, cultos e divindades, apesar das diferenças étnicas, foram recriadas tornando-se afro-brasileiras. A dinâmica de manter e ao mesmo tempo recriar tradições é algo que pretendo extrapolar na minha pesquisa. Tradição não apenas no sentido da preservação de um patrimônio cultural, mas também, no sentido de sua reinvenção, e assim, viabilizar a sua continuidade no presente e recriá-lo para o futuro.** Mais especificamente a minha abordagem é a da História dos Objetos. Como um desdobramento da minha pesquisa de mestrado no Museu do *Quai Branly* em Paris, trabalharei com a *Ibirapema* no contexto do *Ethnologisches Museum* em Berlim. Trabalharei também com a *Enin*, que é um dos artefatos produzidos pelo grupo das artesãs da costa norte da Bahia e também encontra-se no contexto cotidiano e litúrgico

do *Ilê Obá Sileké*. Isto é, a *Enin* é um artefato que estava presente no meu campo de pesquisa do mestrado como um objeto *Tupinambá* e agora encontra-se igualmente presente no meu campo de pesquisa do doutorado no contexto do *Candomblé*. A *Enin* é, portanto, um objeto que atravessa meu campo do mestrado ao do doutorado, (re)entrelaçando os contextos indígenas e africanos no contexto da historiografia da arte do Brasil. Ambas, a *Ibirapema* e a *Enin*, são oriundas das mesmas plantas. Uma é a fibra de dentro do caule da palmeira de piaçava, a outra, é a fibra extraída da folha do *ouricurizeiro*. As plantas me remetem as ancestralidades dos meus pais que dedicaram suas vidas à construção de uma militância social e ecológica.

No *ilê Obá Sileke* fui apontada para o cargo que detém a responsabilidade e o poder de cuidar das plantas num contexto cotidiano e litúrgico. Assim, os elementos da minha pesquisa e trajetória de vida se entrelaçam para contar uma história da qual, em alguma medida, também faço parte.

Ìyá Agbára

A minha irmã de santo, *Dofonitinha d' Oxóssi* me passou o contato de Virginia de Medeiros. A princípio era apenas para fazer um trabalho de tradução. Mas nosso encontro foi conduzido por uma energia muito solidária que trouxe um *axé* de multiplicação. Virginia, minha xará, junto com *Dofonitinha*, também minha

xará, dividimos a coautoria de Ìyá Agbára. Todas as pessoas envolvidas no projeto são dos filhos de Santo do *Ilê*. A delicadeza com que a artista conduziu seu processo criativo, fez com que todos se envolvessem fazendo o que mais gostam de fazer: cantando, tocando ou contando suas histórias. O grande exemplo são os retratos em filme: as imagens foram sugeridas dentro de um processo coletivo de criação. Isso inclui a artista, Virginia (de Medeiros) minha xará, que como *abian* da casa foi retratada assim como nós. É muito especial para mim que o processo técnico e artístico de construção da imagem tenha sido uma analogia à espiritualidade. Um retrato em película que será quimicamente e poeticamente revelado. Quem nos filmou foi Gustavo *D'Logunedé*, nosso irmão de santo. Ele trabalhou com múltiplas exposições, rebobinando o filme dentro de uma caixa preta, para expor o mesmo fotograma ao retratado. Não tivemos controle sobre a imagem que estávamos criando. Estávamos totalmente entregues ao processo e ao que nos seria revelado. Este trabalho também fala sobre isto: estar aberto para viver uma experiência que você não tem controle, assim como é a mente do *yawo* no momento do transe. O projeto foi dividido em 2 fases: a Instalação Artística e a Ocupação no *Ilê Obá Sileké*.

A forma que Virgínia de Medeiros construiu a experiência artística aqui na Alemanha foi muito próxima da experiência que construí com o grupo de

mulheres agricultoras na Bahia, um trabalho criativo numa perspectiva de coautoria. Sendo que aqui passei de propositora para ser uma pessoa do campo de pesquisa e criação. Esta inversão da minha perspectiva foi muito interessante! **Percebo que, no campo das Artes, a coautoria ainda é um espaço de engajamento social e político rodeado de tabus. O mercado das artes está ancorado no discurso dos direitos autorais, portanto, a forma que este projeto se deu abre vários debates dentro do campo da arte contemporânea. Como historiadora da arte que trabalha com arte de tradição não-Europeia, ver o *Babá Murah*, junto com a comunidade do *Ilê*, fazer parte da programação de performance “*Ritual of Cure*” no átrio do *Gropius Bau* e, no mesmo ano, participar da *11a Bienal de Berlim* destacando a força matriarcal do *Candomblé* é, pra mim, tão instigante quanto gratificante, por que há uma assimetria de poder na disputa dos territórios da arte - arte ou artesanato, cultura popular ou erudita, performance ou ritual, arte maior ou arte menor.** E neste momento de revisão dos debates sobre colonialismos do passado e do presente, acredito que estes parâmetros de valores que regem o sistema das artes estão e devem continuar sendo postos em xeque.

4 Virginia de Medeiros

Meu nome é Virginia de Medeiros, sou artista visual. Nasci no interior da Bahia, em Feira de Santana. Meus pais são do sertão da Paraíba, minha mãe é de Sousa, e meu pai, de Patos. Eu vivi na zona rural até os 18 anos de idade, acho que este foi meu primeiro contato com a arte e com a espiritualidade. Viver na Natureza.

Vim para Berlim como artista convidada da 11ª Bienal de Berlim para produzir um novo trabalho, em 3 meses de residência. Esta edição é muito interessante, todos os curadores são estrangeiros em Berlim e encaram a Bienal como uma série de experiências vividas em tempo real, abrindo o processo ao público. O tempo de permanência é terrivelmente pouco para meu processo criativo, mas o projeto curatorial me fez aceitar o desafio. Cheguei no dia 30 de novembro de 2019 e vou voltar dia 8 de fevereiro de 2020.

Ao mesmo tempo que aceitei o convite, me veio uma grande insegurança. Conversei com Amanda Melo, uma amiga artista, consteladora de processos criativos e colaboradora desse projeto. Amanda falou que tudo tem uma razão de ser, que poderíamos abrir a residência em campo sistêmico para constelar as minhas questões e para energizar e estabilizar o campo vibracional da residência. Eu aceitei na hora. Na Constelação a gente se movimenta através de sensações físicas que ajudam à visualizar uma dinâmica que está oculta. **Como resultado, a**

constelação indicou que o objetivo da residência apontava para espiritualidade e anunciou 3 palavras: África, territórios e cura. As manifestações são todas corpóreas, meu corpo fez movimentos nunca feitos antes, figurava algo litúrgico de oferenda. Dois meses depois estes movimentos se repetiram aqui dentro do Ilê. Como pode um corpo ter memória do futuro? Li que *Exu* é o menino que acertou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje.

Eu nasci no dia 2 de fevereiro, dia de *Yemanjá*. Sou filha de *Yemanjá* e *Exu*, assim como a Mãe Beata de *Yemanjá*, *Yalorixá* que colocou a pedra inicial para a criação e consagração do Ilê aqui na Alemanha. No Brasil *Yemanjá* também é chamada de Janaína. Meu nome ia ser Janaína, em sua homenagem. Mas no final decidiram homenagear meu avô paterno, vovô Virgínio. Minha mãe tinha muito medo que as águas me levassem embora, quando pequena ela nunca me deixava sozinha no mar. *Yemanjá* é a rainha das águas do mundo, ela rege a minha cabeça e guia meu destino. Os anos que morei em Salvador comemorei meus aniversários na Praia do Rio Vermelho, na Festa de *Yemanjá*, na maior manifestação religiosa pública do Candomblé no Brasil.

Foi aqui em Berlim que soube que meu segundo santo é *Exu*, *Babá* viu no Jogo de Búzios. Sou de *Exu Alaketu*, o *Exu* desta Casa. Senti-me protegida e entendi que

estava no lugar certo. Os dois últimos meses, morei com Silvana Olivieri, baiana que estava morando em São Paulo, filha de *Exu*. Quando estamos juntas o mundo é feitiço. Sil também faz parte desta experiência aqui em Berlim. **Estou lendo o Simas e Rufino, um é historiador e o outro, pedagogo brasileiro. Eles percebem o campo da cultura como o território de Exu: o ato cultural potente é da disponibilidade de Exu que ingere o que chega como oferenda para devolver a oferenda, redimensionada, como Axé (força que inaugura a vida como vitalidade da vida como experiência física); aquele que sem vitalidade não pode ser.**

A única coisa que eu tinha certeza nesta residência era que eu não queria fazer um trabalho autoral, precisava encontrar pessoas para pensar e agir em conjunto. A Constelação mostrou que as pessoas já estavam em Berlim me esperando. Eu não sabia quem elas eram, mas acreditei que, quando as encontrasse, sentiria. A Lisette Lagnado, curadora da Bienal, me apresentou um artigo que a Daniela Labra escreveu sobre a rede de criação artística e ativista de latino-americanos baseados em Berlim. Talvez ali estivessem as pessoas que gostaria de trabalhar. Encontrei com a Dani para falar sobre o artigo. No final falamos mais da vida do que de qualquer outra coisa, das indeterminações que nos move e nos lançam na outra margem do rio para não ficarmos à margem de nós mesmas. É precioso

confiar e saltar. A gente se divertiu muito. Dani falou do Murah Soares, que não estava no artigo, mas ela gostaria que estivesse. Ela me disse que o Murah é militante de questões afro brasileiras em Berlim e líder religioso do primeiro terreiro de Candomblé da Alemanha.

Cheguei em Berlim na semana do Dia da Consciência Negra. Fui para um evento no Ilê, queria conhecer o Murah. Foi uma apresentação corrida, ele me falou para voltar na próxima quarta-feira. Ele é casado com o Martin Titzck há 15 anos. O humor e a alegria do Murah me contagiou, abracei ele como se estivesse abraçando a Bahia.

Neste dia também conheci Gil, ela estava fazendo a tradução simultânea do evento. Gil me atravessou de uma maneira que não saberia explicar, fui flechada pela força e o sorriso dessa Filha de Oxóssi. Fumamos um cigarro no sopro de encanto que só quem é dos invisíveis pode explicar. Convidei a Gil para fazer a tradução simultânea da minha fala no ExRotaprint. Senti, naquele momento, que Gil poderia ser uma das pessoas que estavam no meu campo vibracional quando constelei a residência no Brasil. **Gil é coautora de Ìyá Agbára e nomeou o trabalho. Ìyá Agbára, força, poder, potência das mães em Yorubá. Depois de um tempo Gil se deu conta Agbára é também um dos nomes de Exu. O que não se vê pode ser presença. Exu**

no comando!

No final do evento conheci a Verinha, filha de *Oxum*, cachoeira de amor. Vera me mostrou os assentamentos da casa – as pedras moradas dos Orixás. Vera é a *Yabassé*, responsável pelo preparo dos alimentos sagrados no Candomblé, nunca poderia imaginar que uma semana depois eu seria sua auxiliar de cozinha, recebida pelo *Babalorixá Murah* como *abian*, filha da casa.

Na semana antes do evento no *Ilê*, encontrei três pedras no apartamento que estou morando aqui em Berlim. Pedras pequenas e delicadas, riscadas com linhas que me lembram a palma das mãos. Eu senti que elas queriam me dizer algo. Coloquei-as no meu altar. Visitei a exposição no Hreinn Fridfinnsson no KW Institute for Contemporary Art, entre tantos trabalhos um me chamou atenção: a foto de uma grande pedra que era habitada por um espírito. As pedras estão falando comigo, pensei.

Contei para Babá meu sonho: Era um rio de águas negras e mornas que se agitavam mansamente. Era um rio gordo e farto, um rio alto! A escuridão abraçava a paisagem com um véu transparente que tingia tudo de cinza, exceto o fundo do rio e o verde neon de uma gramídea luminosa que serpenteava aos meus pés. Na altura dos meus olhos no alto mar, um homem negro

dançava sobre a ondulação das ondas. Seu corpo nu refletido em prata cintilante, reflexo do espelho que carregava na mão esquerda, abrilhantava o divino em mim. Era lindo seu dançar erótico, masturbava-se flutuando no mar. Saí em direção à praia, passei por uma lama preta e macia, meus pés afundavam com tranquilidade.

Eunice que faz reike em mim me disse que da cintura para baixo sou um homem feito.

Entrei no site do *Ilê Obá Sileké* para conhecer a história da Casa, vi que domingo iria acontecer um Workshop de Danças Sagradas, me inscrevi. Foi o Domingo antes do meu encontro com o Babá. Foi incrível, dançamos tanto. Neste dia, conheci o Esteban Guevara e, desde então, foram muitas trocas. O Esteban me levou para o lançamento do livro de Sérgio Costa – *Entre el Atlántico y el Pacífico Negro: Afrodescendencia y régimenes de desigualdade e Sudamérica*, na FU Berlim onde ele estuda.

Toda a cidade parecia se animar no meu corpo em contínua formação, foi assim do início ao fim deste ciclo. Tem a Laura Carvalho também! A Laura me encorajou tanto, quando tudo ainda era enigmático ela estava, me ajudou a encontrar respostas sem mesmo saber qual era a pergunta.

No mesmo dia que conheci o Esteban, conheci Virgínia de Yemanjá, minha Xará. A Gil me colocou em contato com ela para fazer a tradução da minha fala no ExRotaprint. Gil desistiu de fazer, porque teria que ser de português para inglês e não para alemão. Eu e a Virgínia marcamos de almoçar juntas para falar da tradução e para eu pegar uma roupa branca que ela iria me emprestar. Eu precisava de roupa branca para frequentar o Ilê. Gostei tanto de me vestir branco, o corpo vibra diferente!

Virgínia D' Yemanjá havia separado um conjunto de roupa de ração, que é a roupa tradicional das filhas de santo. A roupa tinha o seu nome escrito, o meu nome Virginia D'Yemanjá, na barra da costura em tinta azul. Perguntei se ela poderia me emprestar sua própria roupa, ela me disse que talvez não, mas intuía que sim. Virgínia ensinando à Virginia como se vestir. Ficamos uma de frente para outra, fui espelhando seus movimentos. Enrolar o pano da costa no corpo, torcer sem dá nó. “Não pode dar nó, tem que prender numa dobra”, Virgínia me explicava. Isso me soou tão poético: prender sem nó, sem ponto fixo... as pontas do tecido livres numa dobra. Foi um momento lindo, a vibração mudou e se esboçou uma promessa: Virgínia D'Yemanjá tinha um papel importante neste trabalho, senti. Ela era coautora, mas eu ainda não sabia.

Neste mesmo dia, além da roupa de ração ela me deu

wagi, pó azul que eu tanto queria para purificar e limpar as energias do espaço reservado para mim no ExRotaprint. Amanda havia me ensinado a usar no Brasil, mas eu tinha esquecido o meu *wagi*.

As Virgínias *D'Yemanjá* se duplicaram no *Ilê*, gerou confusão na hora de chamar pelo nome. O *Babá* resolveu me chamar, pelo meu *juntó*, Virgínia *D'Exu*. Foi engraçado. Ainda existe muito tabu em torno desse Orixá, porque no Brasil Exu é associado ao diabo pela influência católica, ainda hoje.

Na quarta-feira, voltei ao *Ilê* para a conversa com o *Babá*. Eu falei o que sentia sem ter muita clareza. Falei que não tinha projeto, mas achava que era ali meu lugar de trabalho. O *Babá* disse que foram os *Orixás* que me levaram até o *Ilê*, que eu fosse vivendo o dia a dia que as coisas se revelariam. E assim eu fiz e assim foi. Neste processo de convívio dentro e fora do terreiro, teve um dia o *Babá* pegou com as duas mãos no meu rosto, olhou dentro dos meus olhos e falou:

“Filha, o Candomblé é matriarcal. É uma religião feminina, criada por mulheres. A força do Candomblé é feminina. Por que são as mulheres? Porque é a mulher quem gera. É só a mulher que dá à luz. É só a mulher que tem útero. A religiosidade do Candomblé é abrangente, abraça todo o mundo. Quem abraça uma família grande sem fazer distinções? Sempre é a mãe.” O trabalho é sobre isto, percebi na hora.

ExRotaprint

Eu venho pensando o gesto artístico como uma forma de habitar o mundo, como um movimento de autoconstrução sempre inacabado, sempre avesso a qualquer identidade. Neste sentido, fui replicando o vivido, no ExRotaprint, como um gesto artístico.

Amanda esteve todo o tempo me ajudando a cuidar de tudo para manter as energias equilibradas. A partir da Radiestesia, com a planta da sala da exposição, Amanda captou as vibrações e identificou o lugar energeticamente harmônico para eu receber as pessoas e concentrar o trabalho.

Ìyá Agbára foi um exercício coletivo que, além da comunidade do *Ilê*, conectou e envolveu muitas pessoas. É muito especial te encontrar no *Ilê* e trabalhar com você, Gustavo! Sua suavidade, delicadeza e destreza com a película, com a câmera, com a luz e, especialmente, com as pessoas e com o Tempo me fascinou! Nunca senti tanta afinidade com o Tempo e veio muito de você.

Sinto que este trabalho terá muitos desdobramentos. Na verdade todos os trabalhos que realizo são inacabados, retomá-los e recolocá-los novamente no fluxo da vida vai parte da sua condição. Sempre que isso acontece, eles passam a existir de uma outra maneira. Não há fim, só processo. O trabalho é um

portal para uma viagem interior, um estado contínuo de autoconhecimento e transformação. É puramente espiritual. E viver o Candomblé em Berlim foi algo surpreendente! Sou baiana, e o Candomblé sempre fez parte da minha cultura, mas nunca mergulhei de cabeça na religiosidade. Foi tudo muito intenso, forte e transformador.

5 Lucrecia Boebes- Ruin

Eu sou **Lucrécia Boebes-Ruin**. Eu nasci no Brasil, no estado do Maranhão, em Coroatá, com o sobrenome **de Patrício**. Tanto o Ruin como Boebes são sobrenomes referentes aos meus dois casamentos com alemães.

A Alemanha na minha vida.

Em 1998, no dia 20 de janeiro, eu desembarquei no Aeroporto de Colonia com objetivo de estudar a língua alemã e fazer um curso numa Universidade. Na época eu tinha meus 21 anos.

A data 20 de janeiro, merece ser destacada! Neste dia, se celebra a vida do Santo São Sebastião que é sincretizado em alguns lugares do Brasil, principalmente no Maranhão, como sendo um avatar do *Vodun Xapanã*, que no Candomblé, corresponde ao *Obaluaiê - Orixá da cura*.

O tempo passou.

Aprendi a falar alemão, nasceu meu primeiro filho no dia 2 de junho de 2000, o Caetano. Depois que o Caetano nasceu eu voltei para o Brasil para fazer a minha iniciação, eu fui iniciada no Tambor de Mina para o *Vodun Naveorualim* que corresponde dentro do Candomblé a Oxum.

O tempo passou.

Morei uma época em Portugal, depois voltei para a Alemanha e aí tive meu segundo filho homem, o Cláudio. Eu me separei do meu ex-marido, no mesmo ano do nascimento de Tara, minha filha. Foi um ano decisivo na minha vida, foi o ano que eu também perdi meu Pai de Santo no Brasil.

Uma vez que meu Pai de Santo tinha falecido, eu não sabia como cuidar da minha espiritualidade. Foi um momento de espera, porque eu não havia encontrado nenhuma alternativa na Alemanha.

O tempo passou.

Eu tentei preencher o vazio espiritual com outras religiões como hinduísmo e budismo que são filosofias de vida maravilhosas! Mas não conseguiram preencher o vazio que ficou dentro de mim – a falta dos tambores batendo, do culto aos *Voduns* e *Orixás*. A falta de louvar o santo da forma que eu havia aprendido de berço, desde a minha infância, com as minhas raízes maranhenses.

O tempo andou.

Eu desisti de todas as buscas espirituais que havia começado como: as meditações, o tantra, o budismo. Foram experiências interessantes, mas deixei tudo pra trás porque senti que não era o caminho espiritual que

eu queria percorrer. Neste período, eu conheci meu atual marido, nos casamos e eu tive mais um filho. O meu filho Lázaro que nasceu no dia 19 do mês de dezembro de 2015, dia que eu completo *odun*. Meu filho nasceu quando eu completei 14 anos de feita para o *Vodun!* (risos)

Ele estava planejado para nascer 4 semanas mais tarde, mas o Lázaro quis vir ao mundo, exatamente, neste dia!

Lázaro nasceu em outubro, em novembro quis fazer um workshop com *Babá Murah*. Eu falei para o meu marido que eu queria dançar um pouco. Embora eu tivesse acabado de parir, eu queria muito dançar para os *Orixás*. Fui com o meu bebê de colo, Lázaro não tinha nem um mês de nascido.

Eu falei para Ina, a pessoa que estava coordenado o workshop: “Ina, fala para o Murah que quando meu bebê chorar eu vou fazer um pausa para amamentar.” Ela disse que eu mesma poderia falar com o Murah, que ele iria entender, que isso não era um problema. Então o meu primeiro contato com o *Babá* foi pela dança. O Workshop durou quase 3 horas, dançamos para *Ogum*, *Oxóssi...* O *Babá* ficou observando meu movimento com o Lázaro. Ele achou maravilhoso ver uma mulher chegar com esta atitude! Dança, dança, dança e parar para amamentar, trocar a fralda do menino, vê se o

menino está bem. Depois volta dança, dança, dança coloca o menino pra dormir e aí volta a dançar! Isso foi durante toda uma tarde, toda. À noite teve uma festa, e o Babá fez a performance para *Xangô*. Eu fiquei encantada, falei para ele assim: “Eu gostaria muito de conhecer a sua Casa, o *Ilê*.” Ele me deu o endereço e disse: “Vai!” Eu queria muito ter ido na festa seguinte, a Festa de *Oyá*. Mas eu estava muito envolvida nos afazeres de casa, cuidado dos filhos e acabei não conseguindo ir.

O tempo passa.

Chegou o mês do Carnaval da Cultura de Berlim, Danilo, um amigo que tem a Banda Peludum, me ligou 2 semanas antes me fazendo o convite para ir para lá com ele: “Oi Lu! A gente vai para Berlim, você não quer ir com a gente? Você e o Caetano?” Eu falei: “Vou pensar.”

Apareceu carona e espaço para ficar em Berlim, fui. Encontrei pela segunda vez o *Babá Murah*, ele estava com a Barraca do Acarajé. Provei do acarajé delicioso do Murah e ele me convidou para ir no *Ilê* durante a semana.

Na mesma semana, fui jogar búzios com *Babá Murah*. Foi uma experiência incrível! Ao jogar os búzios, da mesa eles voaram e caiu na minha perna, o *Babá* olhou

para mim e disse: “Seu *Orixá* tá pedindo obrigação.” (risos). Eu fiquei muito admirada, porque já vinha sentido as cobranças do *Orixá*!

Eu sou um caso de Filha de Santo não raro mas um tanto peculiar dentro da liturgia do Candomblé. Eu tenho o que se chama no candomblé de *Orí Mejí*. Em Yorubá *Orí* é cabeça e *Mejí* metade que significa “cabeça dupla”. Minha cabeça é regida por dois santos ao mesmo tempo, ou seja, dois *Orixás*. No Candomblé, geralmente, temos um *Orixá* de frente, pai ou mãe de cabeça e um segundo *Orixá* que é o *juntó*. Quando você se desequilibra na qualidade do seu *Orixá* de frente você passa a ser amparado pelas qualidades do seu *Orixá juntó*. No Brasil eu tinha sido feita apenas para uma das Santas, a *Orixá Oxum*, por isso havia uma cobrança muito forte da outra, no caso, *Yemonja*. A cobrança estava tão forte que *Yemonja* não estava deixando *Oxum* falar nos búzios. Logo marcamos um *Obori* para acalmar, ritual tradicional do Candomblé de harmonização energética. O meu *Obori* aconteceu no final de maio, e já marcamos a minha oferenda para *Yemonja*. Eu estava com 17 anos de feitura, muito tempo devendo obrigações. Quando somos iniciadas no Candomblé temos obrigações para cumprir, que são cerimônias internas feitas para os nossos *Orixás*. Temos a obrigação de 3 anos de feitura, de 5 anos, 7 anos, 14 anos e eu já tinha passado do tempo de fazer as oferendas.

Marcamos as oferendas, fiz as obrigações e a partir daí comecei a participar dos eventos do *Ilê Obá Sileké*. Mas como eu não vivo em Berlim, não consigo ter uma participação intensa como meus irmãos da casa. Sempre venho de trem e são 4 horas de viagem da cidade de onde eu moro, Bochum, até aqui. Eu deixo para vir em ocasiões especiais, quando tem festa ou feitura. Quando meus filhos estão de férias, aí eu posso estar mais presente também. Mas mesmo não vivenciado o dia a dia, eu assumo responsabilidades com a casa, com a minha família de Santo e sempre que eu venho a minha participação é intensa. Lá no Brasil a família de santo é mais homogênea, eu convivia apenas com brasileiro. Aqui convivo com pessoas de diferentes partes do mundo: de Israel, da Suécia, de Portugal. Convivo com diferentes culturas e ideologias que comem, rezam, cantam e dançam juntas para os Orixás! É uma experiência nova com muitos desafios, mas se eu for fazer um balanço de como a minha vida se desenvolveu depois do Candomblé eu diria que é muito positivo.

O Candomblé

Para princípio de conversa eu não fui iniciada no Candomblé Ketu, seguimento desta casa.

Minha iniciação foi no Tambor de Mina *jeje nago*, religião afro-brasileira que tem sua base no Reino

do Antigo *Daomé*, localizado na área do atual país de Benim. No Brasil, o Tambor de Mina, tem seu eixo principal na cidade de São Luiz do Maranhão. No Maranhão se centralizam muitas casas, como: a Casa das Minas, que é o terreiro mais antigo, fundado em meados do século XIX por Maria Jesuína que era, na verdade, a Rainha *Nã Agotimé*, da família real de *Abomey*, mãe do rei *Guezô do Daomé*, trazida como escrava para o Brasil. Temos também o Terreiro de *Iemanjá* e outros terreiros extintos que foram muito importantes para a existência do Tambor de Mina.

O Tambor de Mina cultua *Voduns*, *Orixás* e encantados (gentis ou caboclos, que são espíritos de reis, nobres, índios, turcos etc.) No sul do Maranhão temos o *Terecô* que também integra o Tambor de Mina. Esta religião tem muitos elementos do Candomblé, mas é mais voltada para as forças de Exu do que dos outros *Orixás*. O chefe desta falange espiritual é o *Léguas Boji* da Açucena Trindade.

Quando eu passei para o Candomblé Ketu, deixei de cultuar os *Voduns* e passei a cultuar os *Orixás*, para esta mudança de culto nós dizemos: “Eu troquei de águas.”

No Culto do Tambor de Mina a língua litúrgica é o *Jeje* ou *Fon*. O *Fon* era a língua oficial do antigo reino do *Daomé*. *Vodun* significa divindade. Já aqui no Candomblé de Ketu a língua litúrgica é *yorubá*. Eu

tive que aprender do zero uma nova língua, yorubá! Os conhecimentos que tenho do Tambor de Mina eu guardo como uma herança de vida em mim.

Votando para o *Ilê Obá Sileké*

Depois da feitura da minha *Orixá Yemonja Ogunté*, eu realizei todas as obrigações (cerimônias) que ela estava querendo. Nisso *Oxum*, a minha primeira *Orixá* feita, se apresentou pedindo também que eu fizesse as obrigações dela. Ao lado das duas *Orixás* de frente eu tenho meu *Juntó*, que é meu segundo santo, o *Orixá Obaluaiê*. *Obaluaiê* é um *Orixá* de Herança. *Orixá* de herança é quando o orixá era de um algum antepassado que deseja ser cuidado. Para *Obaluaiê* vou dar obrigação, provavelmente, no próximo ano. Estou buscando equilibrar todas as energias que me acompanham e como o tempo eu vou entendendo onde vou me encaixar na casa, se terei algum cargo no futuro. Eu ainda não sei, mas devo ter algum.

Sobre o processo de migração para Alemanha:

Como eu disse, cheguei aqui dia 20 de janeiro, dia do meu *Vodun Xapanã*, que corresponde no Candomblé ao *Obaluaiê* que é meu *Juntó*. Eu vim para Alemanha para estudar o idioma e ingressar numa universidade alemã. Em um ano vivendo na Alemanha, eu aprendi um alemão que já me dava condições de interagir muito

bem com as pessoas e de ser independente. Entrei na Universidade para fazer um curso que iria reconhecer o meu certificado de segundo grau do Brasil, mas, nesse meio termo, eu engravidei do meu primeiro filho e não consegui levar o curso a frente.

Em casa, com meu ex-marido, a gente só falava alemão. Isso foi muito importante para a minha fase de adaptação, porque eu entendi que quanto mais eu me entrosasse com a língua alemã e com os alemães, mais eu iria entender sobre essa língua e sobre essa cultura. A língua, ela tem muito haver com a forma de pensar de um povo, com a sua cultura. Se a gente se esquivar do processo de integração social, fica muito mais difícil entender as diferenças entre os idiomas. Aprender a forma de pensar do povo alemão foi muito importante para compreender a língua. Eu me dediquei muito a entender esta forma, hoje eu posso dizer que tenho uma capacidade muito grande de compreender a estrutura de pensamento desse povo. Com os meus filhos, eu falava português, mas percebi que na escola ele misturava as duas línguas e aí passei a falar só alemão com as crianças.

Há pouco tempo eu decidi voltar a estudar alemão, comecei a frequentar uma escola para adultos, para tirar o certificado que dá o direito de entrar na Universidade. Eu tive a coragem de pegar Alemão como matéria principal, li e interpretei vários autores

alemães como o Goethe. Eu me sai bem, passei na matéria e, no ano passado, em dezembro, fiz a prova de conclusão e tirei meu certificado. Decidi estudar na RUB Ruhr Universitat Bochum me matriculei em 2 cursos. Em um dos cursos vou estudar as religiões. O eixo da minha pesquisa será as religiões de matriz africana nos Estados Unidos e, especialmente, na América Latina. Entender o culto dos *Orixás* e *Voduns* dos negros que foram escravizados nos Estados Unidos, as Santerias Cubanas que tem suas raízes na religião yorubá, o *Vodun* haitiano e a resistência negra no Haiti, além de todos, a riqueza dos desdobramentos das religiões africanas no Brasil. Eu sei que vou fazer um trabalho precursor, porque na Alemanha não tem muitos estudos no âmbito das religiões africanas. O foco da minha pesquisa tem haver com a minha vida espiritual – desde o Brasil, com o Tambor de Mina, até chegar aqui nesta casa de Candomblé em Berlim, no *Ilê*. Eu tenho um interesse muito grande em aprofundar a pesquisa dos cultos de Benim, nos *Voduns*, mais do que nos cultos da Nigéria. Sabemos que no Brasil existem muitas ligações entre os cultos africanos, por exemplo: muitos *Voduns* de origem *Daomé* são cultuados dentro do Candomblé de Ketu. Na Nação *Jeje Obaluaiê*, *Nanã* e *Oxumarê* são *Voduns*. *Oxumarê* correspondem ao *Vodun Dan*.

O *Ilê* me ajuda a compreender a Alemanha pelo viés religioso. Aqui temos mais tranquilidade do que no

Brasil para manter essa casa de Candomblé viva. Porque a Alemanha nos dá o mesmo direito que de culto do que qualquer outra religião. Quando olhamos para o Brasil, vemos o que acontece com as religiões de matriz africana: são alvos da intolerância. A discriminação, perseguição e violência contras os adeptos só cresce.

Perto da cidade onde moro, Bochum, na cidade de Essen, tem o Museu do *Vodun*. Este espaço tem uma grande coleção de artefatos que são exibidos em várias mostras na Alemanha. O responsável por esse Museu já esteve em vários países como Benim, Haiti, Cuba e Brasil. Da última vez que nos encontramos, ele me falou que uma rede de supermercado alemã ficou bastante impressionada com a sua coleção de *Voduns* e ofereceu um espaço maior para ele montar o Museu. Ele conta com o apoio de pessoas e da sociedade, isso é a Alemanha. Ele me falou que na sua viagem ao Brasil teve contato com famílias que deixou de cultuar seus ancestrais e decidiu jogar as imagens no lixo. Ele trouxe algumas dessas imagens que hoje compõem o seu acervo. Imagens de *Exu* e de *Pomba-Gira* do tamanho da estatura humana que iam desaparecer.

Ele dividiu o Museu por cultos: a parte Benim, os *Egunguns*, o culto do Haiti, a parte da Santeria Cuba e agora a parte do Brasil. O Museu não só expõe, mas também realiza palestra sobre esse tema. Eu penso

que, neste sentido, o estado alemão coopera e dá possibilidade de outras culturas se apresentarem e de se manterem vivas.

O meu primeiro contato com a espiritualidade – que me carrega e que eu a carrego.

Tudo começou em São Luiz do Maranhão. No Maranhão eu frequentava várias casas de Tambor de Mina, uma delas foi o Terreiro de Dona Lurdes. Eu participava das sessões e tambores que ela fazia. Eu tive uma vizinha que foi muito importante na minha vida espiritual também. Ela tinha o cargo de Mãe de Santo, só que ela não queria seguir. Ela sabia de tudo que tinha que fazer, mas não fazia. Inclusive ela é de *Obaluaiê* como eu. A minha vizinha começou a adoecer e tem haver com a negação de assumir sua missão espiritual. O que é normal na nossa religião, quando temos uma energia e não cuidamos há um desequilíbrio físico. Ela poderia ter tentado equilibrar sua energia sem precisar assumir um cargo. Enfim, mas foi com ela que eu aprendi muito a respeito dos cultos dos *Voduns*, da espiritualidade. A cidade onde morávamos tinha um senhor que fazia de vez em quando o tambor, dava para escutar de lá de casa. Era tão legal! A minha mãe não permitia que fôssemos lá, mas a nossa infância tinha o ritmo dos tambores. A gente adorava escutar, aquele som alto! Eu achava o máximo! Eu sei cantar para todos os encantados e entidades, porque faz parte da

minha infância. O contato com a minha espiritualidade é de berço. Quando criança, eu ia para sessões de cura nos terreiros. Recebia passe, e a gente cantava para toda encantaria; “A mãe d’água preta do rio já vem. A mãe d’água preta do rio já vem. Mas ela vai entrar no coro eu não sei de quem. Mas ela vai entrar no coro eu não sei de quem.” Esta canção se canta para uma encantada das águas doces. Quando eu cantava parecia um chamado, sentia como se ela estivesse falando diretamente comigo. Eu sabia que eu era das águas desde criança. O tempo todo o ciclo se renova e minha espiritualidade estará sempre presente não importa o lugar que eu esteja no mundo. Eu vou carregar meu *Voduns* e meus *Orixás* e eles vão se apresentar! Eu não me sinto só!



6 Vera Regina Menezes

Quando nos sentimos bem no olhar e na maneira de ser de uma pessoa, o abraço será uma troca e aí não tem como não ser gostoso. Eu adoro abraçar as pessoas que eu gosto! **O abraço é das boas emoções que ponho para fora.**

Eu me apresento como Vera Regina Menezes, nome de casada Schneeberg. Eu nasci no Rio de Janeiro, em Niterói, Brasil. Tenho 69 anos. Tenho uma família maravilhosa que mora no Brasil, sinto muita saudade da minha família. Nós brasileiros temos esta afinidade familiar, somos família. Eu tenho muitos irmãos, são 12 irmãos, e todos são pessoas maravilhosas!

Estou na Alemanha desde 1983. Vim para Alemanha porque a minha irmã, em 1979 – na época ela tinha 40 anos de idade –, conheceu um alemão no Rio e se apaixonaram. Ele é um senhor maravilhoso, tinha de 70 anos de idade. Cinco anos depois, a minha irmã me convidou para vir morar aqui. Depois que cheguei na Europa fui para Itália, França, Inglaterra, antiga Eslovênia, Áustria, Suíça e depois voltei para Berlim e fiquei aqui até hoje. Eu me casei, tenho minha filha que tem 30 anos. Tenho meu neto! Eu ganhei um neto que vai fazer 3 anos, é uma gracinha!

Eu saí do Brasil por vários motivos. Em especial, porque o Brasil é um país ingrato. Ele não dá oportunidade para seus filhos. Temos propósitos

de vida, queremos conquistar nossos sonhos, mas não conseguimos de jeito nenhum no Brasil. Isso me entristece e me entristeceu muito. Quando eu trabalhava no Brasil não tinha chance de evoluir, porque o governo brasileiro está sempre tirando o que é de direito nosso. Então, infelizmente, vim buscar esse direito no país dos outros. Aqui temos uma estrutura que nos olha com outros olhos. Existe colaboração, existe ajuda para seguir em frente. Eu acabei me apaixonando pela Alemanha e nunca mais voltei para o Brasil. Tem tanta riqueza nosso país, mas perde seus filhos por ingratidão. As pessoas são carinhosas, mas falta honestidade. Falta caráter! É o que penso do nosso lindo, rico e maravilhoso Brasil.

Eu sou uma cigarra, não precisa nem abrir o sol eu estou cantando! Eu sempre gostei de cantar. Em 1970, eu cantei no programa do Chacrinha. Eu fui caloura escondida do meu pai, porque meu pai era muito severo. Ele não me daria apoio. Mas eu fui escondida e acabei ganhando o prêmio melancia. Mas eu sempre cantei em coro, nunca fui a cantora. Chegando aqui em Berlim um amigo meu escritor, que trabalhava comigo numa cantina francesa, falou que eu cantava muito bem. Eu vivia cantarolando na cozinha. Ele me chamou para montar uma banda. Eu disse: “Vamos montar uma banda, vamos nessa!” Talvez alguém conheça o João, o sobrenome dele agora esqueci. É um escritor brasileiro que viveu aqui, mas voltou para o Brasil. Ele escreve

contos para crianças. “João Guimarães, Vera, ele é meu amigo”. Sim, eu sou a cantora da Banda de João Guimarães, fizemos um CD de música experimental. Foi este CD que dei para o Gustavo e para você, Virginia. A música experimental não é a minha preferida, mas foi muito bom. Nos apresentamos em vários lugares aqui na Alemanha. Eu também já fiz muito teatro no Brasil, já fiz teatro aqui na Alemanha também. Essa vida de artista eu adoro!

Ilê Obá Sileké

O Candomblé é uma religião ancestral, uma das religiões mais antigas da história da humanidade. E o Candomblé não é restrito para o povo preto. Não é uma religião de quem é preto. O Candomblé não tem raça, gênero ou classe. Nada disso tem importância nesta religião. O Candomblé tem as portas abertas para todo o mundo. Ninguém nos ensinou a maneira que temos que receber as pessoas dentro desta casa, nós sentimos a força que nos guia. Essa força se traduz em dar amor. A gente dá amor. Porque o amor gera amor seja lá aonde for ou com quem for.

Eu sou uma *Iyabassé* dentro do Candomblé, a pessoa responsável pelo preparo dos alimentos sagrados. Eu me tronei uma *Iyabassé*, porque sou uma das filhas mais velhas da Casa. Além de ser aposentada e, por isso, ter mais tempo do que as pessoas mais

novas. Eu gosto muito de cozinhar, mas esse cargo chegou por acaso do destino. Nós aqui somos um grupo pequeno, as pessoas trabalham e não têm tanto tempo livre, e isso conta muito na hora de organizar as tarefas. A cozinha para mim é um lugar sagrado. Principalmente, quando estou cozinhando para os *Orixás* ou para as pessoas que vêm aqui dar oferenda para o *Orixá*. Quando as pessoas vêm jogar búzios com o Pai de Santo e aparece alguma obrigação¹ para fazer, sou eu que cozinho para elas. As *Iyabassés* tem uma lista dos preparos das comidas sagradas. Quando a *Iyabassé* está cozinhando, uma coisa boa vem de dentro da gente e vai para cima da comida que estamos preparando. A gente reza e pedi para o *Orixá* proteger a pessoa que está fazendo a obrigação, pedimos para que o pedido dela siga por um bom lugar. Não é uma prática obrigatória, mas é uma coisa que faz muito bem para a gente! Para mim, como *Iyabassé*, isto é muito importante e eu faço com muito carinho.

O *Ilê*, aqui na Alemanha, é a nossa casa. Aqui é o nosso canto! Aqui é onde a gente encontra o Candomblé junto com nosso Pai Murah. Antes de abrir esta casa, eu e o Murah **já erámos amigos de sair juntos, cantarolar, tomar cerveja**. Depois o Murah assumiu a responsabilidade de líder espiritual e abriu o *Ilê Obá Sileké*. O *Ilê* começou numa casinha pequenininha,

¹ Obrigação do candomblé são as cerimônias internas, conjunto de coisas a serem feitas e oferecidas ao *Orixá*.

naquela época eu tinha dúvida se esse era mesmo o meu caminho espiritual. Porque antes de ser candomblecista, durante mais ou menos 9 anos, eu fui budista. Neste período, eu estava em busca de uma religião. Eu queria ficar fixa dentro de uma religião. A minha família vem da tradição cristã, o meu pai era protestante. Mas nós não frequentávamos a igreja. **A minha mãe era rezadeira, ela intuía sua espiritualidade ancestral. Ela colocava uma folha atrás da orelha e com raminho de ervas, não lembro o nome, rezava as crianças da comunidade. As rezadeira tem o destino de curar pela fé. Mas o meu pai nunca deixou ela participar dessa atividade plenamente.** Minha mãe tinha suas imagens de fé – quase todo brasileiro antigo tinha, perto da porta de entrada de casa –, mas meu pai não quis as imagens. Ele não aceitava imagens de santo em casa. Nós não conseguimos frequentar nenhuma outra religião, porque meu pai proibia.

Aqui na Alemanha, ao encontrar o Murah, fui percebendo como a minha espiritualidade no Candomblé é algo que vem de dentro. Não é uma escolha nem uma obrigação é algo de coração. **O Candomblé é um sentimento na minha vida. Você sente o Candomblé. Você sente a necessidade do Outro. Você quer saber como o Outro está. Você quer acolher, ajudar e quer estar junto. O que é a espiritualidade? É a água. É o vento. É a folha. É**

tudo que é natural. Tudo que mexe com a Natureza é espiritual. Na areia, ali dentro, a gente encontra força. Isto é espiritual para mim. Eu encontrei aqui dentro desse a casa, do *Ilê*, a Natureza. E nós estamos bem, graças a Deus. Nós procuramos receber as pessoas nesta casa da maneira que a espiritualidade nos faz sentir – que é uma força de carinho infinita. É essa força que procuramos mostrar no *Ilê*. É esta força que o Candomblé nos mostra e exerce em nós para que possamos receber bem as pessoas, ter carinho pelas pessoas.

O que a gente quer mostra é que esta força não tem que se apagar, que ela não pode parar. No Brasil, lá onde tudo começou, estão tentando minar essa força. Detonando, cortando perseguido, por ignorância, as casas de Candomblé. Por não entender o que é esta religião. A gente do *Ilê* está querendo que essa força viva, que vá para frente e que outras pessoas a conheçam. Temos a oportunidade de estar na Alemanha e de poder falar sobre o Candomblé sem tabu. E é por isso que nós estamos aqui para dizer simplesmente: Nós somos do Candomblé! O Candomblé tem que viver.

A gente precisa mostrar esta casa para que o público saiba da existência do *Ilê*, única casa de Candomblé da Europa. Esta espiritualidade que acreditamos e que queremos que ela continue por gerações e gerações! Esta espiritualidade que é a nossa raiz, nossa

ancestralidade que está sendo cortada de dentro, do seu berço Brasil. Esta espiritualidade afro-brasileira que nasceu da escassez e da sabedoria do povo africano, esta espiritualidade que não está atrelada ao Capital e sim a Natureza – numa época dessa, quando a gente mais precisa – o Candomblé está sendo detonado no Brasil. É triste.

Então já que nós estamos aqui na Alemanha – onde o Estado mantém uma posição neutra e tolerante frente a todas as religiões –, temos a oportunidade e a garantia de praticar livremente o Candomblé. As religiões aqui convivem pacificamente, então vamos aproveitar que estamos aqui e expandir. Estávamos precisando mostrar a beleza dessa Casa e, de repente, do vento apareceu você, Virginia. E aí, pô! Era disso que estávamos precisando, pelo amor de Deus! (risos) Então estamos super contentes de participar desse projeto e ter também o Gustavo, este artista daqui do Ilê, que está sempre por trás das câmaras. A gente sempre vê filmes que ele fez e, agora, ele está aqui trabalhando junto com a gente! Isso é muito maravilhoso! Pelo menos, para mim esta experiência é formidável! Você vê quando entramos aqui nesta Casa, não temos tempo de nada, é muito trabalho. Não temos tempo de olhar um para o outro, de sair daqui e bater um papo porque saímos daqui muito cansados. E de repente aparece você do vento e nos dá esse tempo. É maravilhoso! Parabéns!

7 Nitzan

Meu nome é Nitzan, tenho 29 anos de idade. Faz 1 ano e meio que moro, aqui, em Berlim. Eu nasci em Israel.

Sou neta de avós que sobreviveram ao holocausto. Eu mudei para Berlim por causa do Candomblé, mudei por causa desta Casa, o *Ilê*, que me convidou para fazer parte deste processo espiritual que está acontecendo aqui na Alemanha.

Eu conheci o Candomblé através da Capoeira Angola e conheci a Capoeira Angola através do Samba de Roda. Tem um grupo de Capoeira de Angola em Haifa, um amigo meu fazia parte e um dia me chamou para uma festa. Nesta festa, eu me apaixonei pelo Samba de Roda, comecei a treinar Capoeira de Angola e depois de 10 meses eu fui para o Brasil. Passei 1 ano no Brasil. Eu já tinha contato com o Brasil. A minha avó, depois que a família fugiu da Europa, passou 14 anos morando em São Paulo. A minha mãe nasceu em São Paulo, mas a minha família saiu de lá quando ela tinha 3 anos de idade. Então, a cultura brasileira e a língua portuguesa não eram presentes na minha família. Mas esta ligação existe, por exemplo, eu tenho documento brasileiro. O Brasil não faz parte da cultura da família, mas faz parte da história.

Eu fui viajar por um ano, que é algo bem comum na cultura de Israel. Minha ideia era viajar por vários países da América do Sul, mas cheguei no Brasil e fiquei. No Brasil eu viajei através da Capoeira, fui

recebida pela família de amigos capoeiristas, fiquei hospedada na casa de Mestres da Capoeira, de Senhores do Samba que me abraçaram para a vida deles. **Dona Nicinha do Samba é uma senhora com o coração enorme que me recebeu na casa dela no Recôncavo Baiano. Ela é uma mãe! Ela é minha mãe! Ela também é do Candomblé.** Eu estava viajando pela Bahia com o Mestre Limãozinho de São Paulo, conhecendo as pessoas mais importantes da Cultura do Samba de Roda no Recôncavo. Ele quem fez meu contato com Dona Nicinha, ela tem um Grupo de Samba de Roda em Santo Amaro da Purificação. Depois desta viagem pelo Recôncavo, eu continuei viajando. Mas **fiquei encantada com a comunidade do Recôncavo Baiano, tem algo lá que nos falta no mundo moderno - a simplicidade no viver. Estar simplesmente um junto com o outro, ajudar um ao outro, acordar de manhã fazer um café e chamar o vizinho para tomar café junto, sentar na varanda e olhar as pessoas passando de um lado para o outro. Foi a grandeza destas coisas pequenas que me tocaram no Brasil.** Meu irmão Amir chegou para viajar comigo durante 2 meses, eu voltei como ele para o Recôncavo e Dona Nicinha nos recebeu na sua casa. Foi a partir daí que nossa relação ficou bem forte. Ela é uma fonte enorme de Axé, de carinho e de orientação.

Na Capoeira existem muitas pessoas que fazem parte do Candomblé, o povo de Santo. Eu, praticamente,

não participei de nenhum ritual no Brasil, mas convivi muito com pessoas que faziam parte dessa cultura e dessa religião. **Quando eu cheguei no Brasil eu era ateia. Mas saindo do Brasil, depois de 1 ano, eu já sabia que eu iria iniciar no Candomblé. Foi um processo bem devagar e bem profundo. Eu pensei: vou voltar para Israel, organizar a minha vida e mudar para Bahia.** Vou achar um terreiro, um Pai de Santo, um Babalorixá e vou entrar numa comunidade de Candomblé no Brasil. Voltei para Israel e depois fui para o Brasil mais duas vezes. Fui visitar a Dona Nicinha do Samba e encontrei com a Nina, que é brasileira e uma filha de santo daqui do Ilê. A Nina que me convidou para vir conhecer esta Casa, o *Ilê Obá Sileké*.

Entrei nessa Casa como visita e saí sabendo que a Casa estava me chamando. Foi um processo bem lento, aceitar que eu não iria mais mudar para o Brasil mas sim para Europa – especialmente por conta da história da Alemanha contra o meu Povo.

Agora estou aqui, estudando e construindo uma vida em Berlim. O motivo de mudar para Alemanha foi o *Ilê*, eu nunca mudaria para Europa se não fosse esta comunidade.

No dia que entrei pela primeira vez nesta Casa, senti que as portas estavam abertas para mim, para chegar

como parte da família e não como uma simples visita. Eu demorei 3 meses para entender que eu queria fazer parte desta Casa, fazer parte desta família, e demorou 2 anos até eu mudar para cá.

Não fui eu que escolhi a Alemanha foi a Casa que me escolheu. Foi o meu *Orixá* que escolheu esta Casa. Eu senti que era algo que eu precisava aceitar, realmente não foi uma escolha minha. Eu vim acompanhando meu *Orixá*. Eu escolhi o Candomblé e *Oxum* escolheu a Casa.

Aqui na Casa eu sou *Yawo*. Tenho 1 ano de Santo, isto significa que estou bem no início do caminho espiritual. Eu estou nesta Casa para servir e ajudar no que for preciso. Eu ainda não tenho um cargo que seja meu. Eu tenho responsabilidades pequenas como: arrumar a despensa, limpar, lavar louças e ajudar as *Iyabassés* no que precisarem. Na verdade estou aqui como ajudante das pessoas mais velhas, para ir acompanhado o seu trabalho e ir apreendendo aos pouquinhos. Eu acho que é bem isto: acompanhar o dia a dia e devagarinho aprender mais e mais e fica mais forte e ajudar as outras pessoas.

Isto faz parte da comunidade, certo? O que sozinho ninguém pode fazer.

A minha família é judia, mas em Israel é bem comum

ter a identidade judia sem ser religioso. Coisa bem difícil de explicar quando você mora fora de Israel. A gente comemora os feriados religiosos, mas de uma maneira que não é religiosa. De uma maneira que se resume em reunir a família e fazer um jantar, mas seguir as regras religiosas, isso não. Isto nunca fez parte da minha criação. A minha mãe é bem espiritualizada, mas ela não tem um caminho fixo. Ela aprende um pouco de um caminho, vai para um outro aprende mais um tanto. O meu pai não se interessa por espiritualidade. E eu também nunca me interessei pelo aspecto espiritual da vida até ir para o Brasil, até entender como é profundo o aspecto espiritual na Capoeira Angola e fazer a ligação, no Brasil, entre Capoeira Angola e Candomblé! Esta foi a minha revelação espiritual.

Hoje o Ilê é o meu centro, deixei minha vida toda para trás para fazer parte dessa família. Se eu não sentisse a força que existe nesta comunidade eu jamais faria isso. Este é um ponto muito importante na minha vida. Mudar para outro país pode ser um processo bem pesado, pode levar a pessoa a um sentimento profundo de solidão. Mas eu não mudei sozinha, eu mudei para uma comunidade. As dificuldades até estabelecermos uma vida fora do nosso país existem. Mas eu sabia que se eu tivesse qualquer problema, poderia contar com a família do Ilê. Eu sei que sempre vai ter alguém para estar junto comigo e, essa

peessoa, vai me ajudar a carregar o peso de qualquer dificuldade que eu venha a enfrentar. O peso que nesse modelo de sociedade individualista, geralmente, temos que carregar sozinhas.

Eu e Or, meu irmão, temos uma conexão muito forte no dia a dia. Antes de mudar para Berlim nós morávamos juntos. Ele sempre foi bem espiritualizado. Quando eu comecei este caminho, ele estava bem interessado também. Eu senti que este lugar, o Ilê, poderia fazer bem para ele. Or chegou para uma visita e, a primeira vez que ele entrou na Casa, a Casa também se abriu para ele. Ele acabou fazendo parte da comunidade. Ele ainda mora em Israel, temos processos diferentes. Ele faz parte da família de sangue e de santo.

Minha avó não tinha contato com o Candomblé. Mas na casa dela tinha desenhos que, depois de conhecer o Candomblé, percebi que tinham ligação. Como a representação de uma oferenda para Iemanjá que antes eu não fazia ideia do que era.

A minha avó é uma pessoa muito importante na nossa vida. Ela também tem um carinho muito grande pelo Brasil e pela cultura brasileira. Ela foi uma das pessoas que mais apoiou a minha mudança para cá. Ela já veio me visitar umas 3 ou 4 vezes, participou dos rituais e rezou em Yorubá com a gente. Eu acho que a sua história de sobrevivência ao holocausto lhe

fez uma mulher muito forte. Ela precisou fazer uma série de mudanças. Mudou para Argentina, depois para o Brasil, voltou para Europa e depois mudou para Israel. Esta é uma historia bem típica do povo judeu. Eles sempre foram mandados de um lugar para outro. Sempre precisavam se proteger e se defender. Para mim esta história também tem um ponto de ligação com a resistência negra que é o fundamento da religião do Candomblé.

8 Nina Graeff

Meu nome é Nina Graeff. Meu sobrenome vem da família do meu pai, meus avós eram descendentes de alemães. Eu vim de Porto Alegre, Sul do Brasil. Eu sou musicista, atuando principalmente como Pesquisadora de Antropologia da Música. Eu vim para Alemanha para estudar piano quando eu tinha 22 anos. Meu namorado também era pianista, fomos juntos para Weimar. Acabei passando um ano depois no conservatório de Estrasburgo, fui estudar e morar lá por 2 anos na França. Porque já tinha outro relacionamento em Weimar, terminando os estudos em Estrasburgo, voltei para lá. Eu preferia viver na França, mas voltei por causa do meu namorado.

Em Weimar, fiz Mestrado em Antropologia da Música – Etnomusicologia e comecei a trabalhar com pesquisa. Foi quando conheci o Tiago de Oliveira Pinto, que é chefe da Cátedra UNESCO de “Transcultural Music Studies” da Universidade de Weimar. Foi ele quem me tirou de Bach, de Beethoven – dos compositores alemães que vim estudar na Alemanha –, para iniciar os estudos sobre Música Brasileira. Isto aconteceu porque ele me levou para a Bahia. Foi em 2010. Ele me levou para o Recôncavo Baiano e eu fiquei muito comovida com a energia das pessoas de lá. A generosidade delas me fez querer dedicar meus estudos e pesquisas àquela cultura. Foi aí que começou a minha pesquisa sobre Samba de Roda e o meu primeiro contato com o Candomblé. Eu nunca havia me

identificado com a cultura brasileira até sair do Brasil.

No Recôncavo Baiano eu conheci Nicinha do Samba, que é de Iansã. Nicinha é uma mulher que eu admiro muito! Uma mulher muito forte, a grande Matriarca de Santo Amaro da Purificação. Eu sempre admirei Iansã por ser essa mulher forte! Mulher que vai com o vento, impetuosa. Era, um pouco, algo que eu queria ser na vida, mas ainda não era. Agora, me tornei um pouquinho mais Iansã. (riso) Na Bahia eu senti uma grande admiração pelo Candomblé, mas senti também muito medo. Eu acho que é muito comum as pessoas terem medo, não quererem mexer com uma energia que não conhecem.

Voltei para a Alemanha com vontade de aprofundar a pesquisa de campo para o Mestrado no Recôncavo da Bahia. Mas eu tinha medo de ir sozinha. Foi nesse período eu tive meu primeiro sonho de *Orixá*, sonhei com Iansã. Foi um sonho com uma mensagem importante, mas povoado de medo.

Depois que terminei o Mestrado, trabalhei ainda em alguns projetos em Weimar. Mas eu nunca gostei de Weimar, eu nunca quis ir para lá e eu já estava meio deprimida. Foi aí que resolvi mudar para Berlim. Eu não tinha nada certo em Berlim, mas queria fazer Doutorado aqui. Eu comecei a escrever um projeto de Doutorado sobre Samba, Candomblé e Capoeira em

Berlim e na Bahia. Eu já sabia da existência do *Ilê Obá Sileké*, eu tinha visto na internet. Pensei que era uma possibilidade fazer a pesquisa de campo neste terreiro.

Eu sempre fui bastante dependente emocionalmente dos meus relacionamentos amorosos. Vivia trocando de relacionamento, nunca estava só. Quando eu vim para Berlin, o meu relacionamento não estava bem e a gente acabou se separando. Eu me vi em Berlin, com quase 30 anos de idade e, pela primeira vez, sozinha. Passei um bom tempo aprendendo a lidar com esta solidão – a de não ter alguém cuidando de mim. **Este foi um momento de grande mudança no entendimento da minha condição de mulher.**

Enquanto elaborava o projeto de pesquisa fui num ritual do Ilê. Todo mundo achava que eu era alemã, falavam comigo em alemão, porque sou branca de olhos verdes. Este dia foi a primeira vez que vi o *Babá Murah*, que me lembrou muito da Nicinha! Os dois são de Iansã! Naquele momento, senti uma saudade muito grande da Nicinha, fazia muito tempo que eu não a via e, imediatamente, eu me identifiquei com o Murah e com a Casa. Tanto o Murah como a Nicinha têm muito calor humano e, além de serem calorosos, são como o vento! São filhos de *Iansã*, pessoas criativas, intempestivas e que fazem as coisas do seu jeito!

Depois voltei no Ilê para fazer um Workshop de Dança

e assistir a uma palestra do *Babá Murah*. O *Babá* contou a sua trajetória de vida em Berlim, falou do *Ilê Obá Sileké*, primeira casa de Candomblé da Alemanha que abriga também, na mesma propriedade, o Centro Intercultural Fórum Brasil. Ele contou que foi iniciador do Carnaval das Culturas de Berlim e do Grupo *Afoxé Loni*, formado pela comunidade do *Ilê*. Naquele dia, eu o admirei ainda mais, ele e o seu marido Martin Titzck. No mesmo dia, vi por acaso na internet que havia uma vaga de estágio no Forum Brasil, e me candidatei.

Fui falar com o Martin, com aquelas reflexões de antropólogo: Será que vou conseguir acesso ao Candomblé? É tão difícil. É tudo tão fechado. Na reunião, o Martin me perguntou se eu me via mais como gestora cultural no Forum Brasil ou como assistente do Pai de Santo, o *Babá Murah*. Eu fiquei meio sem entender, não soube nem responder na hora... Como assim assistente do Pai de Santo? Resultado, eu me tornei assistente de *Babá* e como assistente eu pude participar de todos os rituais internos. Isso aconteceu uma semana antes de conseguir a minha Bolsa de Doutorado. Eu ainda estava trabalhando em Weimar, foi aí que resolvi me demitir e deixar o meu passado em Weimar para trás. Um passado marcado por traições amorosas e profissionais. Quando larguei este passado, abriu-se um novo caminho. Fui aceita imediatamente para trabalhar no *Ilê*, me ofereci também para ser voluntária

no Forum Brasil e saiu minha Bolsa de Doutorado de 3 anos. Tudo de repente.

No início do doutorado, eu vinha no Fórum Brasil toda semana. A ideia era ficar 6 meses aqui e depois sair para pesquisar a Capoeira. Passaram-se os 6 meses e eu continuei vindo para cá. Eu sentia saudade do *Babá*, não conseguia para de vir. Eu não consegui sair do *Ilê*, mas também não queria me entregar à religião. Depois fui para o Brasil fazer minha pesquisa em Santo Amaro da Purificação, quando voltei para Alemanha, comecei a ter sonhos muito reveladores. Eu comecei a ter um contato mais íntimo como o meu *Orixá*, *Oxum*, e foi então que decidi fazer a iniciação. Eu ainda não fui iniciada, mas a promessa já foi feita para a minha *Orixá*. Vai ser quando ela quiser. Foi aí que, realmente, entrei no Candomblé. Isso foi em 2016, quando eu estava escrevendo a tese.

O meu processo de pesquisa e, mais tarde, escrita etnográfica me permitiu aprender o tema da minha tese através do corpo. O meu corpo foi atravessado pelo Candomblé. Na medida que eu ia escrevendo a tese eu me transformava. Eu me tornava cada vez mais aberta e mais alegre! Eu aprendi a sorrir! Eu aprendi a abraçar as pessoas! Eu aprendi a ser muito mais sociável. Percebi como eu era uma pianista bem individualista e uma mulher bastante reprimida.

A minha sensibilidade começou a aflorar, eu comecei a ter mais autoconfiança, amor próprio e fui me tornando uma Mulher Feminista. Eu comecei a escrever poemas. Eu sempre escrevia um ou outro, mas de repente foi uma cachoeira de poemas. Escrevi 300 poemas em alguns meses. E não demorou para eu começar a realizar o meu maior sonho: compor músicas. Isto aconteceu de uma maneira muito natural. Fui percebendo como o meu contexto familiar era reprimido e repressor. O Candomblé, sob a luz dos *Orixás*, foi me tirando dessa sombra. Eu não me tornei uma *Iansã*, *Orixá* que tanto admiro. Mas tudo bem, eu não sou filha de *Iansã*. **O Candomblé me mostrou que posso existir dentro da minha timidez, mas com autoconfiança. Sabendo que ser tímida tem várias qualidades. As qualidades dos *Orixás* se complementam, tanto no mundo material quanto no espiritual.** Isso eu aprendi no Candomblé, vendo pessoas de diferentes *Orixás* convivendo com suas diferenças. Vendo que cada um tem o seu lugar, o seu papel e a sua uma capacidade.

O Candomblé me possibilitou toda uma transformação pessoal que se tornou também profissional, graças aos *Orixás*. E é preciso viver para crer. A minha tese fala um pouco sobre a experiência vivida de dentro. Só quem passa pela experiência é capaz de entender a força que ela tem. **Ao ler ou escutar experiências espirituais, muitas coisas podem parecer exagero.** É preciso sentir

no corpo, viver o dia a dia e sentir esta força aflorar de dentro de nós. Esta força da natureza que está no mundo e que no Candomblé chamamos de *Orixás*. **E toda vez que cultivamos esta força ela fica mais forte. Esta força me recolocou no mundo como mulher e me fez perceber a repressão que eu sofria, da qual muito vinha da minha família. Esta força emancipou o meu feminino.**

O *Ile Obá Silké* não é uma casa apenas para brasileiros imigrantes que buscam um lugar de identificação. A extensão que o Ilê alcança é bem maior – tem pessoas da África, dos Estados Unidos, de Cuba, da Colômbia, de Israel. Percebo que a força espiritual é bem maior do que qualquer elemento cultural. A força do axé que está no Candomblé, na Capoeira, no Samba de Roda é muito inclusiva. Consegue integrar e se adaptar a diferentes culturas.

Esta força, conhecida como *Ubuntu*, diz: Eu só estou bem se você estiver bem. O bem estar é um sentimento coletivo e não individual. Esta força é algo que constituiu natureza e o ser humano, mas que o nosso modelo de sociedade individualista e competitiva aniquila. O povo do Candomblé chama de Força dos *Orixás*, o que a filosofia Africana também chama de *Ubuntu*. **Uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade faz parte da essência de *Ubuntu*, que trata da circulação de forças entre os**

todas as dimensões do mundo; a natural, humana e espiritual; circulação que empodera quem dela contribuiu.

O Ilê Obá Sileké atua junto com o Centro Cultural Forum Brasil. Existem dois acessos para entrar na casa: o espiritual e o cultural. O Forum Brasil é a interface de negociação, a porta de entrada para a cultura afro brasileira, para os Orixás e seus ritos religiosos. Não que o Fórum Brasil exista como uma estratégia para trazer pessoas para o Candomblé, não é isto. Não tem nada haver com proselitismo. Esta junção é uma tática afrobrasileira de se territorializar, de sobreviver e conquistar um espaço dentro da sociedade. É uma maneira de resistir a toda sorte de perseguição que a cultura afro brasileira sofreu. Hoje o Samba é símbolo nacional do Brasil. O Candomblé ainda hoje é uma religião muito discriminada e perseguida no Brasil.

Para a cultura afrobrasileira parece não existir uma separação entre Instituição Religiosa e Cultural. A espiritualidade está presente na Roda de Samba, na Capoeira ou mesmo numa festa de aniversário. Mas na sociedade ocidental é diferente, cultura e religião estão separadas. E existe muito preconceito religioso, neste caso as manifestações culturais passam a ser uma interface de negociações. O Babá Murah sabe muito bem disso. O Murah é formado

em dança, coreógrafo por profissão. Fazer workshop de dança, performances sobre os orixás, lavagem da escadaria de uma Catedral em Berlim é uma forma de dar visibilidade a sua Cultura, através da linguagem artística, e abrir espaço para que o Candomblé aconteça na Alemanha.

Eu não sou ativista, mas através do meu trabalho eu tento fazer algo que tenha um impacto social positivo para a cultura afrobrasileira. Desde a minha primeira publicação, busco dar visibilidade para o Candomblé. Tive a oportunidade de fazer uma publicação sobre diferenças culturais no Site da UNESCO Alemã e falei do Candomblé. Difundo o Candomblé em Berlim como um modelo de organização social com base na aceitação das diferenças, na integração social, na solidariedade e na abertura e aprendizagem através da alteridade. Em outubro fui convidada para falar sobre o Candomblé no Haus der Kulturen der Welt, e aproveitei a oportunidade para mostrar o que estamos fazendo aqui no *Ilê Obá Sileké*. É muito bonito o que acontece aqui nesta Casa. A força dos Orixás contagia, traz bem estar, independente de ser adepto do Candomblé. Vivemos numa sociedade adoecida, esta força cura e isso é muito positivo. Eu me considero uma mediadora que faz traduções, abre caminho e multiplica o bem que a força do Axé leva para as pessoas.

9 Mirah Laline

Meu nome é Mirah. Sou de Belém do Pará, do Norte do Brasil, lá da Amazônia.

Antes de vir para Berlim, eu morei 8 anos em Porto Alegre, no Sul do Brasil. Onde me formei em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhei também como atriz e construí uma carreira muito bem sucedida no meio teatral. Eu fui co-fundadora da ATO cia.cênica, Grupo Cerco e o Bloco da Laje, coletivos atuantes até hoje na cidade. Como diretora, encenei textos dramáticos de autores alemães que obtiveram retorno positivo de crítica e público, com isto, ganhei a Bolsa DAAD. Uma bolsa bastante reconhecida, para estudar durante 1 ano em Berlim na Escola de Arte Dramática Ernst Busch. Aproveitei este tempo para repensar a minha vida, a minha carreira. Porque no Brasil quem trabalha com arte vive num estresse muito grande para conseguir se bancar financeiramente. Eu já estava me sentindo um pouco perdida, saindo de um ensaio para outro sem saber mais o que eu queria ser como artista. Com a Bolsa, eu vim para Berlim para dar este tempo, mas a minha vida deu uma virada ainda mais forte do que eu esperava.

No meu segundo mês em Berlim, eu conheci meu marido. Ele é refugiado da Síria, curdo. Ele é rapper e ator também. A gente se conheceu no Gorki Theater, foi um encontro muito louco! Depois que nos conhecemos, mergulhei com tudo no universo dele. Durante 1 ano, tudo que fiz na Alemanha estava relacionado às

questões dos refugiados. Eu entrei numa outra cultura, num outro mundo, a gente sabe muito pouco da guerra da Síria no Brasil e de tudo que acontece fora do eixo EUA - Europa.

Antes de concluir minha Bolsa eu descobri que estava grávida.

A gravidez foi um choque para nossos planos, mas foi também algo surpreendente. Vou contar o porquê. Um mês antes de descobrir que estava grávida, eu tinha feito uma cirurgia aqui em Berlim. Fiz a extração de um mioma no útero, foi um período tenso e de muitas emoções. Eu conheci muitas pessoas aqui, porque me envolvi em vários projetos e trabalhava como uma louca. Mas quando eu estava no hospital, praticamente ninguém foi me visitar. As pessoas estavam preocupadas com seus ensaios e projetos. Eu descobri que não tinha quase ninguém. Este foi meu primeiro choque em relação à afetuosidade, ao cuidado e à amizade em Berlim. No hospital, foi difícil! Eu tive que assinar um termo de consentimento cirúrgico, porque se desse algo de errado na cirurgia eu corria o risco de não mais poder engravidar.

Eu tinha 27 anos na época. Eu acho que coloquei tanta energia de vida no meu útero, no meu corpo, sabe? Foi tudo tão intenso! Um mês depois eu descobri que estava grávida, a possibilidade disso acontecer era

mínima.

Eu descobri que estava grávida no dia 21 de julho, dia do meu aniversário. Eu estava em Porto Alegre começando um projeto grande, uma co-produção de um teatro estatal aqui com minha companhia ATO.cia.cênica. Ficamos felizes, mas foi um período emocionalmente bem dramático. Lian é muito novo, ele tinha 22 anos na época. Ele foi pai aos 23 anos. Eu só fui descobrir a idade dele, um pouco antes do nosso filho nascer. Dois meses antes de concluir a minha Bolsa de Estudo, voltei para Berlim. Vimos que não dava para viver no Brasil, o Lian não fala português, e eu passei a minha gravidez no período do impeachment da Dilma. Pensei: não dá para ter meu filho no Brasil, o país que eu deixei um ano atrás não é mais o mesmo. Optamos por construir nossa vida aqui, na Alemanha. Enfrentamos uma burocracia gigantesca para nos casar o mais rápido possível, para eu ter permissão de ficar em Berlim. Quando finalizou meu visto de estudante, eu passei um bom período com um visto provisório, que comprovava que estava fixa na Alemanha. Mas eu não tenho direito social nenhum, não podia trabalhar nem estudar. A única coisa que o visto me concedia era viver na Alemanha, porque eu estou grávida e casada com um *anerkannter Flüchtling*, um refugiado reconhecido. O Lian foi perseguido politicamente na Síria, perdeu seu passaporte. Aqui em Berlim ele não pode visitar a embaixada da Síria,

porque tem o risco de ser mandado de volta.

Tudo isto que vivi foi matéria emocional para eu chegar no *Ilê*.

Durante a minha gravidez, eu tinha apenas dois amigos brasileiros que moravam comigo. Um pouco antes de parir, eles se mudaram. Depois que o Adel nasceu, eu entrei numa solidão muito grande. Eu tinha construído uma carreira em Belém, mudei pra Porto Alegre, construí uma carreira lá e agora tenho que construir uma aqui. **Recomeçar uma carreira em Berlim, como imigrante e com um filho é difícil. A gente sente um complexo de colonizado muito grande. Eu sempre fico achando que eu não sou tão boa quanto os outros, porque eu sou mulher, sou imigrante e não domino o idioma. São muitos enfretamentos que surgem.**

Temos ainda as diferenças culturais dentro de casa: o Lian é curdo, eu sou brasileira e ainda temos que nos entender dentro de outra cultura, a alemã. Essa cultura que nos encheu de papel, de burocracia e de demandas.

Depois do nascimento do Adel, eu tive uma depressão pós-parto, fiz terapia. A depressão estava ligada à questão de pertencimento. Eu sentia que não pertencia a este lugar, eu não sabia com lidar com a saudade, com a falta do Brasil e da minha família. Eu sempre fui uma pessoa muito espiritualizada, quando criança

frequentava Casa de Umbanda com a minha mãe e ao mesmo tempo íamos para Mesa Espírita tomar passe.

O sincretismo religioso sempre foi muito forte na minha família. Eu cresci com essa conexão espiritual. Eu sei que os meus sonhos são premonitórios. Eu jogo tarô, então eu sempre vivi essa força. Em Porto Alegre, no Bloco de Carnaval, a gente fazia muitos cantos - cantos para *Xangô, Iemanjá*. No nosso Bloco tinha muita gente da Umbanda.

Umam amigas do Brasil vieram me visitar, elas são da Umbanda de Porto Alegre, e me falaram que eu precisava cuidar da minha espiritualidade. Eu sempre soube que eu tinha uma Pomba Gira, que ela me acompanha e me aconselha. A gente tem uma relação bacana, desde a minha infância! Ela foi a primeira entidade com quem falei, eu era bem pequeninha.

Eu tive uma conversa via Skype com *Exu Destranca* que foi muito forte, muito forte! Eu pude confirmar que se eu não trabalhasse minha espiritualidade aqui na Alemanha, eu ia me afundar ainda mais.

Em Porto Alegre eu não frequentava nenhuma Casa Espiritual, mas eu estava ativa vivendo a minha espiritualidade. Eu juntei pessoas, criei coletivos! Eu sempre fui de unir pessoas, tinha um compromisso espiritual através da minha arte. A arte é meu veículo espiritual.

Aqui na Alemanha eu me esvaziei espiritualmente e fiquei sem o meu brilho. Sendo mulher, filha de *Oxum* e tendo a Pomba Gira do meu lado eu sempre fui muito vaidosa, reluzente! Aqui eu entrei no papel de mãe, num cotidiano que não dava tempo de me cuidar, andava descabelada, descuidada... Quem sou eu?

Foi aí que decidi trabalhar a espiritualidade. Eu não conhecia ninguém que frequentasse Casa de Umbanda nem Candomblé aqui em Berlim. Até que um dia que conheci uma amiga da área da arte, acabamos entramos nesse assunto e ela falou que tinham algumas casas aqui, que iria me levar. Mas no final, não me deu nenhum nome ou endereço. Nisso recebi o convite para a Festa de Cosme e Damião aqui no *Ilê*. Eu não sabia que aqui era uma Casa de Candomblé, achei que fosse apenas um Instituto de Cultura Brasileira. Por coincidência, encontrei essa minha amiga. Ela me falou que era o *Ilê*, a casa que ela queria me levar. Eu estava com o meu filho, o encontro dele com o *Babá Murah* foi um acontecimento! Ele só queria ficar brincando com o *Babá*. Eu tive a sensação do aconchego de uma casa. Através do meu filho, ficou ainda mais evidente que o *Ilê* era o lugar que eu procurava. Este primeiro dia marcou, meu filho estava completamente integrado. Restaurou meu sentimento de pertencimento, foi muito forte para mim. Na segunda vez que voltei no *Ilê*, falei com *Babá* a respeito disso. Foi assim que cheguei nesta Casa. Para mim tudo ainda é muito novo, estou

completando meu terceiro mês aqui.

Eu sabia que a minha entrada nesta casa estava associada a muitas coisas. Eu sabia que no momento que trabalhasse a minha espiritualidade, eu iria prosperar profissionalmente. E foi muito curioso, porque quando eu marquei de vir para cá, numa quarta-feira, para falar com caboclo para saber se iria ser ou não filha da Casa. Eu vim na quarta, na quinta eu recebi um telefonema para uma proposta de trabalho muito boa que vai garantir o meu ano financeiramente. Eu já fiquei com a antena ligada, a vida dá sinais.

A materialidade do Candomblé é muito nova para mim: as vestimentas, os objetos, as cerimônias. Na verdade, eu não sei praticamente nada do Candomblé. Porque a minha experiência de criança vem da Umbanda.

O que me fez ter certeza que aqui era a minha Casa Espiritual, foi no segundo dia que estive aqui, quando vim fazer a obrigação do *Obi* frio, como foi aconselhado para ser feito. Neste dia, eu me tranquei no quarto e cantei, cantei, cantei, cantei... foi um transbordamento. Nunca esqueci os pontos da Umbanda que apreendi de criança. Eu falei: “É isso. Vou seguir e mergulhar no Candomblé!” Minha mãe é uma mulher muito espiritualizada, hoje ela segue uma outra linha espiritual não é mais da Umbanda nem do Candomblé. Ela me aconselhou: “É o que tu

precisas neste momento, filha. É o que é para ti. É a teu desenvolvimento espiritual.” **Minha mãe só me deu apoio, esta atitude dela foi especial.**

Especial, também, foi saber que estou entrando no Ilê no momento em que a Casa precisa de alguém para trabalhar na produção do *Ilê* pelo viés artístico. Porque, além da comunidade religiosa, o *Ilê* tem um corpo artístico, *Babá Murah* é também bailarino e coreógrafo. Mostrar as riquezas da cultura afro-brasileira, a tradição afro e seus símbolos religiosos, através da linguagem artística é importante, legítimo e político.

Eu me reuni com o *Babá* e o *Martin* para começar a pensar como vamos produzir todo o conhecimento artístico que o *Babá* possui, como os *Orikis*. Os *Orikis* são o textos poéticos que contam a história dos *Orixás*, apresentamos um *Oriki* no *Gropius-Bau*. Foi muito significativo fazer parte desta performance, parece que tudo foi se encaixando. Eu cheguei no momento certo. Eu sei que eu posso assumir este posto de produtora cultural do *Ilê*, a arte é meu veículo espiritual. Eu sei que tenho condições de tornar visível toda beleza artística dessa Casa, o *Ilê*.



10 Luanny Tiago

Bom dia, meu nome é Luanny Tiago tenho 28 anos, nasci no Rio de Janeiro, em São Gonçalo. Eu vim para Alemanha com 4 anos de idade. A minha família sempre participou do Candomblé no Brasil. No jardim da casa dos meus avós, tinha até uma barracão onde nos reuníamos. **Tem algo muito interessante na minha família, a gente foi criado para não mostrar que fazemos parte dessa religião. Desde pequena, isso ficou bem claro para mim, a gente não deve mostrar para o mundo que praticamos o Candomblé. Não se deve revelar também para todo mundo qual o seu Santo.**

Eu sempre ia com minha mãe para os toques na casa dos meus avôs. Toque é como são chamadas as cerimônias e festas públicas do Candomblé no Brasil. Era tão bom! Eu sempre adormecia tranquilamente pertos dos tambores, eles me embalavam. Era como se eu estivesse escutando Beethoven. É engraçado, não é?

Quando a gente veio para a Alemanha, em 1997, trouxemos a cultura do Candomblé conosco. **Toda cultura é assim, carregamos no corpo. Eu acredito que não precisamos ter uma casa para cultuar a religião, a casa é o corpo.** Podemos criar um ambiente e praticar a religião em qualquer lugar. Claro que sempre é melhor quando temos orientação. Mas, no meu caso, como já vem de berço, eu simplesmente assumo. É difícil escapar do Candomblé e mesmo quando se deseja

deixar de cultuar a religião, ela sempre será uma parte de você. Porque o Candomblé conta a nossa história, é a nossa origem.

Quando minha mãe conheceu o *Babá* aqui em Berlim, eu tinha 4 anos, para mim ele é como um tio. *Babá* é meu tio. Minha mãe e o *Babá* foram saber, muito tempo depois, que já se conheciam do Rio de Janeiro, que a Mãe Beata de Iemanjá é a *Ialorixá* do *Babá* e foi também a *Ialorixá* dos meus padrinhos e minha mãe frequentava os toques dela. Foi um grande reencontro quando eles se reconheceram pela Mãe Beata.

Desde que estou na Alemanha participei dessa casa, do *Ilê Obá Sileké*. Eu participava também do *Afoxé Loni*, que durou 10 anos, fazia parte do Carnaval da Cultura. A gente abria o Carnaval da Cultura em Berlim. Era uma grande muvuca, vocês não fazem ideia! O Fórum tinha mais de 100 pessoas espalhadas pela casa. A casa do *Babá* também recebia hóspedes. E todas as pessoas que podiam receber alguém, também recebiam. Era uma rede de apoio gigantesca, mas foi muito cansativo. Fazer uma festa tão grande para tantas pessoas é trabalhoso. Até o dia que o *Babá* falou: “Chega. Acabou. Não vamos fazer mais”

Quando o *Babá* abriu a casa aqui, em Kreuzberg, minha mãe abriu junto com ele. Tem uma foto do primeiro

toque que teve na casa. A mamãe com a *ekedi*¹, junto com o *Babá*, ajudando a fazer as coisas. A minha mãe mora em Hamburgo. Eu também morava em Hamburgo. Nós vínhamos de Hamburgo para Berlim para participar dos toques e também para curtir Berlim, claro! Meu padrasto sabe que a gente pratica o Candomblé, mas vai explicar para um alemão que você vê espíritos. É bem difícil falar dessas coisas! Dos 5 filhos da minha mãe eu sou a única que faço parte do Candomblé, mamãe não quis envolver meus irmãos. Agora eu costumo vir sozinha para o Ilê, mamãe, quando tem a chance de vir, ela vem.

Vocês têm que ver o meu quarto! O meu quarto é muito engraçado, dá para ver que eu sou do mato mesmo! Meu quarto é todo cheio de coisas de madeira, tem plantas, só tenho estampas com flores. As flores estão no papel de parede e por toda parte! Quem me conhece vai me reconhecer no meu quarto! **Eu amo a Natureza. A base do Candomblé é a Natureza. Sem a Natureza não existe Candomblé, não se faz nada. Você precisa de água, você precisa das folhas, você precisa do sol, do vento e de toda a força da Natureza. Toda esta energia faz parte do Axé. A água que bebemos, as folhas que usamos para os banhos, para benzer é Natureza. É Axé.** É muito importante cuidar da Natureza! Sem ela não somos nada.

¹ Eke di é um cargo feminino importante, ela é a condutora dos orixás incorporados.

Aqui em Berlim nem sempre encontramos as folhas que temos no Brasil. Nos falta a possibilidade de cultuar do jeito que deveria ser. Aqui temos um Candomblé adaptado, por exemplo, na Alemanha é proibida a matança de animais. **No Brasil, recentemente, surgiu a ideia de se fazer um Candomblé vegano, sem ter que matar animais. Eu li que já tem um terreiro praticando cerimônias só com as folhas. A riqueza de vegetais que temos é muito grande e dá para fazer o Candomblé. Eu, particularmente, acho muito interessante essa questão da adaptação. É uma nova forma de acolher o Axé. Temos que nos reinventar. O tempo muda, e as necessidades das pessoas vai mudando também. Quando o Candomblé chegou ao Brasil era uma situação completamente diferente da que nós temos hoje em dia e, para sobreviver – não acho que só o Candomblé, mas todas as religiões e eu diria mesmo todas as culturas – precisou se reinventar e se adaptar às necessidades do seu tempo.** A igreja católica também precisou se reinventar para não perder seus fiéis, ela não ficou parada no tempo. Fazer uma religião como o Candomblé neste frio da Alemanha tem que ser bem criativo! Como fazer uma iniciação no mar com 10 graus negativos? Você tem que encontrar um meio adequado de fazer as cerimônias. Primeiro tem que se adaptar às estações da Natureza que aqui é completamente diferente do Brasil. Encontrar as folhas necessárias nem sempre foi fácil, algumas vezes não encontramos. As frutas, por exemplo, nem sempre

achamos. Os instrumentos, as roupas, os tecidos e várias questões chegam te desafiando. E só nos resta pedir Àgò, licença para o *Orixá* “Me desculpa estou fazendo o melhor que posso. Mas não vai ser a folha que deveria ser. Porque não existe aqui.” E assim seguimos com respeito, confiança e amor.

Mas eu acredito que a maior diferença que existe entre o Candomblé do Brasil e da Europa é a questão da hierarquia candomblecista. Nas casas do Candomblé no Brasil os cargos e funções são bem claras e rígidas. Além disso, se você recebe uma ordem você vai cumpri-la sem questionamento. No Candomblé primeiro você experimenta e depois entende.

Na Europa as pessoas não estão acostumadas a receber ordens. O sistema aqui é defende: liberdade e questionamento de autoridade é o espírito europeu. Ele precisa entender antes de fazer: “Por que vou fazer isso?” “Por que tem que ser justamente neste dia?”.

No Brasil não se questiona um *Babalorixá*, você confia e obedece. Observar e saber ouvir é a melhor maneira de aprender no Candomblé, as perguntas não fazem parte do aprendizado. Nem sempre é fácil abaixar a cabeça e fazer o que tem que ser feito. Às vezes a pessoa vai para casa com mágoa, mas isso também faz parte do aprendizado. Esta é uma das causas dos europeus abandonarem o Candomblé, eles não conseguem lidar

com a hierarquia, receber ordens e aceitar broncas. É difícil se adaptar a um novo sistema se você não estiver aberto.

Outra coisa difícil de explicar para as pessoas deste continente é que elas precisam descer até o chão, abaixar a cabeça e pedir a benção aos filhos mais velhos da casa. E, muitas vezes, trata-se de uma pessoa que você não gosta, mas você tem que cumprimentar.

Eu nunca esqueci quando saía com a minha avó no Brasil, eu tinha que beijar a mão das pessoas mais velhas. Às vezes a mão estava fedendo, sei lá... a gente nunca sabe aonde a pessoa colocou as mãos. Estas são questões banais, mas que também surgem aqui dentro do Ilê.

Nós somos a única casa de Candomblé na Europa. Aqui temos pessoas que vêm de Israel para participar.

Crescer na Alemanha como brasileira nem sempre é fácil, ainda mais sendo negra e mulher. Porque aqui há uma infinidade de clichês da mulher brasileira: você tem que saber sambar, usar biquíni e saber fazer caipirinha. Estes clichês absurdos que representam o Brasil no exterior. Tanto a minha educação escolar quanto a familiar foram bem rígidas. A minha mãe ainda é daquela escola antiga: eu só podia sair quando o dever de casa estivesse pronto. Eu não podia sair à

noite. Era uma saco, meus amigos iam para balada e eu tinha que ficar em casa escutando as historinhas. “Olha, está super aqui!” “Que pena que você não pode vir.” Todos tinha uma historinha para contar só eu que não tinha. Mas, ao mesmo tempo, a minha mãe foi muito legal, no sentido de que ela nunca me impediu de fazer festas. Mas ela sempre tinha que participar. Eu saía muito com minha mãe, nem todos entendiam, mas eu curtia bastante sair com ela. No começo ela ficava sóbria para cuidar de mim e hoje em dia, inverteu, eu fico sóbria para cuidar dela. É bem engraçado!

Lá em casa, minha mãe não fala muito sobre Candomblé, sabe? Somos apenas nós duas que praticamos. Ela faz as coisas dela e me pergunta se eu já fiz isso ou aquilo e, de vez em quando, me explica como fazer certas coisas ou me pergunta se eu fui na casa do meu tio, aqui no Ilê. Mas assim falar abertamente, ela não fala muito. Ela tem certos hábitos como: não deixar a bolsa dela no chão; nunca beber no gargalo da garrafa, nunca, nunca; de vez em quando tomávamos banho de sal grosso.

Quando eu estou zangada e ela me vê trabalhando na cozinha com a faca, ele chega junto e fala “Não faça isso agora, deixei a faca e se acalme. A sua energia não está boa para mexer com faca.” Ela sempre dizia isso.

O que mais posso dar de exemplo? Comida. Tem

certas comidas que não se faz em casa. Também tem a questão da roupa, ela nunca me deixou ir no *Ilê* com um saia curta, um blusa decotada ou de roupa preta. Foram coisas que eu aprendi sem explicação e, com o tempo, já incorporadas na vida, vamos entender.

Eu também sou dessas que olha, mas não comenta, porque juntou gente tem muita fofoca.

Aqui é como viver numa casa com um monte de irmãos. É um pouco difícil, porque cada um tem uma personalidade. Mas a gente já sabe que o povo de *Ogum* é mais bravo, as *Iansãs* da casa são mais irritadas, elas não têm muita paciência com pessoas lentas. Quando tem uma filha de *Iansã* na cozinha, ela mexe com fogo, com pimenta tem a sua uma maneira de ser. Estas são coisas pequenas que nos ajudam entender as diferenças de comportamento.

Em casa, com a minha mãe, nós temos um jardim para cultivar e cultuar as plantas. As ervas medicinais são super importantes para minha mãe. A gente sempre teve pé de boldo em casa que serve para tratar muitas coisas, a espada de São Jorge poderosa contra energias negativas. Estas coisas pequenas que estão na Natureza, mas que as pessoas não prestam atenção são tão importantes para o nosso bem estar.

Falar que fazemos parte do Candomblé na rua, nunca.

Quem era do babado já sabia. Você reconhece. Às vezes até pelo o jeito dos movimentos da dança já se nota que a pessoa tem uma noção do Candomblé. Mas falar abertamente sobre essas coisas a gente prefere não falar. Quando eu contei para minha mãe que iria fazer essa entrevista, ela perguntou: “Por que? Por que você tem que se expor para o mundo?” Mas eu aceitei o convite, porque eu me preocupo com a crescente perseguição e violência contra as casas de candomblé no Brasil. E eu acredito que essas perseguições acontecem, muitas vezes, porque as pessoas não conhecem o Candomblé. Então é importante, sim, falar. Falar é um ato político. Mas, por outro lado, eu entendo minha mãe e a sua geração. Eles sofreram muito e foram perseguidos todas as vezes que se expressaram livremente sobre o candomblé. O silêncio é proteção. Então, acho muito difícil cobrar para pessoas dessa geração ter uma outra postura. Dizer: “Sim, vocês devem falar sobre o Candomblé”.

Porque o medo fica, e a perseguição ainda existe.

Para ser sincera, todos têm algumas práticas de fé que não tem haver com a tradição cristã. Por exemplo: colocar um milho atrás da porta, um banho de folha, uma planta de cura ou um amuleto.

Muitas pessoas quando estão com algum problema, procuram um *Babalorixá*. Eu acho interessante, porque

dizem que não querem saber de coisas de bruxos e bruxas, mas quando a vida não está andando, sabem procurar um curandeiro.

As conversas começam sempre assim: “Ah! Você não faz parte do Candomblé? Então... eu estou com um problema, quero muito falar com um Babalorixá. Como eu faço?” Aconteceu isso comigo no Pagode. A gente havia feito uma homenagem para Iemanjá, no dia 2 de fevereiro. Eu estava no banheiro, uma moça se aproximou de mim e disse: “Vi que você faz parte do Candomblé. Eu estou com problema. No Brasil era a minha mãe quem resolvia, agora estou procurando alguém que resolva aqui em Berlim.

A minha pergunta é: “Por que as pessoas não procuram o Candomblé quando estão bem? Por que não procuram quando tem algo para somar? Somar energia, felicidade, amor ou seja lá o que for! Mas elas sempre aparecem quando têm problemas financeiros, problemas no amor ou quando estão com um problema limite, quase morrendo e não têm mais esperança em nada. É difícil. É difícil. Tem certas pessoas que realmente não dá para levar a sério, porque elas aparecem fazem o que tem que ser feito e depois esquecem e não retribuem.

O Candomblé é assim: quando eu faço algo de bom eu não espero receber uma retribuição no mesmo instante

que eu faço. Se hoje eu fizer um bem para você e você não puder retribuir, tudo bem. Porque eu sei que você ou uma outra pessoa lá na frente fará algo de bom para mim. Eu sempre agi assim e sempre me dei muito bem. O Candomblé nos ensina a ter calma.

Eu sou uma pessoa exagerada! Quando eu gosto de alguém já dou logo um presentinho. Digo: “Olha aqui, fiz esta marmelada para você! Leve para casa” (risos) “Fiz esta comidinha pra você!” Eu gosto de presentear, mas aqui na Europa as pessoas não são acostumadas a receber. Quando você dá algo elas sempre pensam, agora eu também tenho que dar algo em troca. “Olha! Você não tem que me dar nada em troca, não! Eu te dei, porque lembrei de você. Pensei que esta blusa ia te cair super bem! Por isso comprei e estou te dando.” Mas o que acontece é que elas não querem presente, porque fica o peso do compromisso de ter que te presentear também. O que é isso?! Não, o mundo não é assim não.

Se você for uma pessoa boa, gentil e contribuir com o mundo. O mundo vai contribuir com você também, a energia que a gente movimenta nos movimenta. É o que penso e o Candomblé é bem assim. Você dá o que você pode mesmo que seja só uma fruta, um pedaço de bolo ou uma garrafa de azeite. O Orixá está vendo que você dá o que pode, dentro daquele momento. E está tudo certo e o Orixá vai te ajudar, eu sempre penso assim.

A Mãe Beata é uma icônica Ialorixá feminista que combatia o racismo e a homofobia no Brasil. Uma mulher incansável, uma ativista social. Ela abriu muitas portas para o Candomblé se estabelecer na sociedade. Eu, pessoalmente, não cheguei a passar muito tempo com ela. Mas o meu padrinho, que também é Babalorixá foi filho de santo dela. Ela foi uma grande professora pra minha mãe e para muitos brasileiros. Quando ela veio em Berlim para abrir o *Ilê Obá Sileké*, ela passou primeiro lá em Hamburgo, no Quilombo do Romão. Nesta época eu morava lá, eu mudei recentemente para Berlim. A Mãe Beata era uma pessoa que, quando entrava numa sala, ela já estava presente. Uma pessoa que chega e está! Não sei como explicar, mas parece que eu só via ela! Aconteceu uma coisa bem engraçada, quando a Mãe Beata teve em Hamburgo a gente fez uma homenagem para ela numa igreja - uma missa com o pastor. Depois fomos para beira das águas oferecer flores para Iemanjá, que é sua *Orixá*. Hamburgo não tem mar, mas tem um rio com uma praia pequena. Talvez chamar de praia seja um exagero, mas nós temos areia e água, e está bom! Na beira das águas, rolou uma questão, um dos filhos de santo dela disse: “Minha mãe, não acho uma boa jogar flores no mar. Alemanha não se joga nada no mar. Se pode até ser preso por isto.” Então a gente desistiu de fazer a oferenda, o *Orixá* entende. Ascendemos uma vela, batemos palma e foi isso. São diferenças culturais que temos que respeitar e nos adaptar.

A Mãe Beata era uma personagem muito forte, muito presente, muito acolhedora, muito carinhosa e muito rígida. Ela só precisava olhar, com aquele jeito de mãe, para nos fazer entender que fizemos algo de errado. Imediatamente a gente entendia, aprendia e não repetia o erro. Ela chamava todo mundo de “Meu filho!” Eu cantei para ela. Eu canto. O meu dom é o canto. A gente estava na cozinha, eu cantei para ela e ela chorou. Era verão a janela estava aberta e todos os vizinhos aplaudiram. Eu cantei uma opera, Memory do Cats. Foi uma noite tão agradável, muito mesmo! O Axé dela era como uma onda, sabe? Vinha e batia, você pegava todo esse Axé! E aí ficava nadando nesta energia boa! Ela nunca se esqueceu de mim. Quando ela voltou para o Brasil, sempre perguntava: “Cadê aquela menina que canta? Ela está bem?”. “Está mãe, está!”

Eu sempre quis estudar canto. Mas quando você gosta muito de uma coisa e começa trabalhar com esta coisa, você perde vontade de fazer. Por exemplo: eu amo cozinhar, mas nunca gostaria de trabalhar como cozinheira. Porque o cotidiano do trabalho estressa, estraga o amor. Quando você faz algo não porque tem o dever de fazer, gera uma grandiosidade no gesto. Eu canto de vez em quando em casamentos e festas particulares. Já cantei também em festivais pequeninhos com grupos de música. Eu comecei cantando e dançando com mamãe. Meu avô também dançava o forró de pé de serra, ele era de João Pessoa.

Quando eu era pequena, dançava sobre o pé dele. Ele tinha uma barriga enorme, então eu tinha que achar um jeitinho de segurar na mão dele e me equilibrar. Eu sempre fui muito magra com os braços muito longos, então dava certo. Eu amava dançar com vovô! E eu sempre gostei muito de dançar e cantar com minha mãe! A gente gostava de fazer uma brincadeira que era assim: Uma falava uma palavra e a outra tinha que cantar uma música contendo a palavra.

Eu sou uma alma velha num corpo jovem. Porque eu adoro as músicas do fundo do baú. Eu adoro! Eu fui criada com MPB, música clássica brasileira, samba. Mamãe é carioca da gema e adora pagode, samba! Depois vem o estilo do papai que é rock&roll dos anos 60,70 e 80. Eu também gosto de música alemã cafona, sei todas decoradoras! Eu tenho o maior prazer de cantar musica alemã clássica dos anos 20. É muito engraçado: imagina uma jovem negra cantando num palco música alemã dos anos 20? Eu já ganhei dinheiro com isso.

Eu estudei linguística e antropologia, hoje, faço trabalhos interculturais. Eu me considero uma tradutora de culturas: Quando trabalhava com brasileiros e alemãs, meu desafio era traduzir as diferenças entre essas duas culturas. Os projetos aqui são mais estruturados, já no Brasil trabalha-se sempre dando o famoso “jeitinho brasileiro”. Fazer a tradução

de cultura foi um trabalho muito duro, mas eu adoro fazer. Adoro trabalhar em festivais!

Como eu cresci aqui na Alemanha, eu sempre tive muito interesse em fazer projetos com a cultura brasileira. Eu fazia parte das baianas em Hamburgo. A gente dançava com as roupas de baianas, que são vestimentas tradicionais usadas nas casas de Candomblé. Mas dançar samba de biquíni nunca foi a minha praia. O funk progressista dos anos 90, como o Claudinho e Buchecha, eu adoro! Os funks meio vulgares, estes não. Posso até curtir de vez em quando, mas eu prefiro um forró, um pagode. Sou bem tiete de pagode, fico colada na frente do palco cantando todas as letras! (risos)

Minha mãe sempre foi uma figura muito importante na minha vida. Ela tem uma personalidade muito forte. Ela é daquelas pessoas que chegam num lugar chegando! Ela é show! Num palco só a presença dela seria suficiente, ela preenche o espaço. Foi sempre difícil viver próxima desta personalidade tão forte, então eu tive que me tornar alguém para sobreviver junto dela. Isto não é uma crítica. Quando eu comecei a cantar eu encontrei a minha força, porque antes eu era a “filha da Selminha”. Depois que eu comecei a fazer os meus trabalhos, a sair debaixo da saia da minha mãe eu me tornei a Luanny ou a Lua, Lua Cantada.

A minha mãe é uma amiga. Ela é uma mentora. Quando tenho um problema, a primeira coisa que faço é ligar para ela. Por exemplo: “Mãe eu quero fazer uma receita, como faço?” ou “Mãe eu estou com dor na garganta, o que eu tenho que tomar?” Ela sabe tudo e me passa uma lista do que eu preciso. Em relação à saúde, eu sempre consulto primeiro a minha mãe e depois o médico. Ela criou muitos filhos e tem uma sabedoria enorme. Não são apenas para coisas do cotidiano que eu peço ajuda para ela. Uma decisão muito importante na minha vida foi mudar para Berlim. Eu sou muito ligada aos meus irmãos e a minha família, o meu desejo sempre foi ficar mais perto deles. Eu não queria me afastar, perguntei para mamãe: “Mãe você acha uma boa ideia eu ir para Berlim?” Eu esperava que ele me respondesse: “Filha, mas o que você vai fazer lá.” Mas ela respondeu: “Acho uma boa ideia, você não está feliz aqui. Vá atrás da sua felicidade.” Eu não tenho dúvida que esta foi a melhor decisão que tomei, essa distância me ajuda a saber quem eu sou e quem eu quero ser. Eu, também, estou mais perto do Ilê.

De Berlim para Hamburgo dá de 2 a 3 horas de viagem, dependendo do transporte. Agora sinto que estou mais presente para a família do que eu estava antes. Porque quando estou lá, sei que vou voltar, então eu curto mais o tempo com eles. Adoro cozinhar para eles! Fazer coisas para outros sempre me agradou. É prazeroso ver

a satisfação das pessoas.

Sou de uma família grande, sou a mais velha, e minha mãe sempre precisa dizer: “Você não é a mãe dos seus irmãos, você é irmã. Por favor se comporte como tal.” Eu sou meio dominante, confesso. Mas nunca gritei com meus irmãos. Eles sabem que quando eu me calo é que aí a coisa tá feia. Quando tem algum problema eu sou a primeira pessoa que eles procuram. Porque têm problemas que os filhos não querem envolver os pais, então meus irmãos me ligam. Quando minha mãe está com problema com alguns deles, às vezes ela me pede para conversar. Eu tenho paciência para falar com meus irmãos e sempre tento manter todos nós juntos.

O canto é superimportante para o Candomblé, é a força do canto que ergue o Axé. O canto é uma das bases do Candomblé. Cantar é essencial para louvar os orixás. Cantar faz bem para saúde! Qualquer roda de Candomblé não seria nada sem o canto. Temos os tambores, o canto e as danças; mistura valiosa para transportar a energia do Axé, nossa força vital.

Soltando a voz nós evocamos, pedimos e oramos para os Orixás. Existe uma força que rege o canto, não precisa ser do Candomblé para sentir isso. Se você tiver paixão, felicidade e o coração aberto para o canto você já está no Axé. Não importa como você canta, o importante é que você solte a voz e cante! Toda roda

de candomblé tem músicas e algumas a gente conhece e canta e se solta, tem também aquelas letras que a gente não lembra ou não conhece, aí o *Babalorixá* fala: “Canta, meu povo! Abre a boca!” É tão engraçado! Às vezes você está no meio da roda e não escuta o que o *Ogan* está cantando e fica só mexendo a boca, fazendo de conta que está cantando.

O canto é uma espécie de reza. É uma ligação entre este mundo e mundo dos Orixás, o espiritual. Para mim o canto foi sempre uma forma de comunicação. Eu sou daquelas que quando algo de bom ou de ruim acontece na minha vida, eu canto! Quando a minha avó faleceu eu cantei. O meu pai alemão não entendeu porque eu estava cantando. Expliquei para ele que era uma forma de expressar meus sentimentos, de me conectar com minha avó.

Todos temos nossa música preferida que ouvimos na sala, na cozinha ou embaixo do chuveiro. Ouvir música libera emoções e relaxa o corpo. A música abaixa o estresse. Cantar é super saudável! “Cantem pessoas, cantem!!!! Cantem que é bom para sua saúde física e para sua saúde espiritual. Cantar é como lavar a alma! Cantem pessoas, cantem!!!!”

11 **Gilmara** **Guimarães**

Eu sou Gil, Gilmara, Dofonitinha de Oxossi, Dofona. Eu tenho vários nomes além desses, mas têm alguns que não sou permitida falar em público. Nessa ocasião, de preferência, sou Gil. Sou de Minas Gerais, nasci em Belo Horizonte, Brasil. Vivo na Alemanha tem exatamente 6 anos. Em Minas, eu trabalhava como professora de português. Eu me formei na Faculdade de Letras pela UFMG. Nas minhas horas vagas eu fazia dança afro numa companhia de dança para pessoas negras e frequentava o Candomblé de Angola. No Candomblé de Angola, que comecei a minha jornada na religião afro-brasileira. Isso foi em 2007. A minha jornada no Candomblé não se iniciou como uma busca pessoal. Não foi por mim que entrei no Candomblé, foi pelo meu pai. Eu queria uma cura para o meu pai. Eu queria encontrar uma resposta para curar o meu pai do alcoolismo. O alcoolismo que vinha com muita violência e trazia muita tristeza para dentro da minha casa.

Eu venho de uma família tradicionalmente católica. A minha avó era Ministra de Eucaristia, uma mulher muito atuante na sua comunidade. Ela chegou a ajudar a fundar uma igreja no bairro de onde eu venho, a Sagrada Família. Eu não via resposta nenhum no catolicismo para o alcoolismo do meu pai e também não via nenhuma solução. Eu fui para a Macumba para ajudar ao meu pai. Foi nesse momento, que eu conheci minha Mãe de Santo. Ela cuidou de mim durante nove

anos. A história da minha jornada no Candomblé é muito interessante e muito dolorida também.

Minha Mãe de Santo, naquela época, se chama *Mameto Sambugikan*. Durante todo meu caminho ela muito me instruiu. Ela trouxe vários assuntos importantes para pensar e repensar o Candomblé. O Brasil foi, sem sombra de dúvidas, o lugar onde eu pude me reconhecer enquanto candomblecista mesmo não entendendo. Porque o que eu vejo, quando olho para trás, é que o Candomblé é uma religião muito complexa. E por ela carregar essa complexidade, precisa de tempo para ser compreendida. **E o nosso tempo, o tempo da vida contemporânea não é o tempo do Candomblé. Eu precisava desacelerar. Eu precisava de um tempo de amadurecimento antes do tempo do entendimento. O primeiro exercício foi rever minhas questões éticas e morais. O segundo, aprender a cuidar de mim.** Eu aprendi a ver meu corpo como um templo. Essa condição de amadurecimento interior prolongou meu tempo de *abian*, filha de santo não iniciada. Fiquei como *abian*, no mínimo por nove anos, de 2007 até 2016. Em 2016 eu fiz o Santo, fui iniciada. O mais curioso é que a minha vinda para Alemanha, eu acredito que tem a ver com a minha jornada no Candomblé.

Eu conheci um alemão no Brasil e nós nos apaixonamos loucamente. Ele é artista. Nos

encontramos na rua, na militância. Eu estava fazendo uma manifestação junto com a Ocupação da Câmara, em 2013. Naquele ano, rolaram vários protestos no Brasil conhecidos como as Jornadas de Junho. Eu estava em todas as manifestações. Eu mudei da minha casa para um acampamento, porque resolvemos ocupar a Câmara de Vereadores de Belo Horizonte. Foi nesse contexto que eu o conheci. Ele tocava piano no acampamento da Câmara. Mas foi no dia que desistimos do acampamento que nos conhecemos melhor. Foi um dia bem significativo, eu estava fazendo uma ação de protesto na rua. Eu estava completamente nua e meu corpo negro sendo pintado com tinta branca - e foi neste dia que nos apaixonamos. Esta paixão me trouxe para Alemanha. Eu deixei tudo para trás: trabalho, família e amigos. Durante quatro anos eu morei em outras duas cidades antes de vir para Berlim. Foi tudo tão interessante. Eu sempre digo que esta paixão foi uma espécie de gatilho para me lançar aqui, onde estou hoje. Nós não estamos mais juntos. Vivemos uma história fenomenal no Brasil, mas o convívio não deu certo. A questão das diferenças culturais foi muito pesada para ambos.

Ilê Obá Sileké

Eu já namorava a Casa de longe, o *Ilê Obá Silêke*. Eu conheci o *Babá* pela internet. Eu sempre tive vontade de procurar o *Babá Murah* para ele me orientar em relação

ao cultivo das plantas medicinais aqui na Alemanha. Tinha uma coisa que estava me matando: o fato de não saber quais as plantas brasileiras vingariam no solo da Alemanha. Mas nunca consegui falar com ele para tratar desse assunto.

Em 2015, eu passei por uma série de problemas de saúde. Durante 1 ano e meio, todos mês saíam furúnculo no meu corpo. Eu estava muito depressiva, muito triste e não conseguia descobrir a razão dos furúnculos.

No dia 31 de dezembro de 2015, eu bati minha cabeça no chão em reverência e pedi para o meu pai, dizendo assim: “Meu pai se é isso mesmo, se o Senhor quer que eu faça o Santo, eu estou pronta. Eu estou mais do que pronta. Mas eu não posso fazer o Santo sem um trabalho. Eu não posso fazer o Santo com minha saúde debilitada.”

E foi muito hilário, porque eu descobri depois de mil exames. Depois, inclusive, de uma médica ter suspeitado que eu estava de AIDS e me requerer uma série de exame para investigar se eu tinha HIV. Todos os exames que eu fiz deram negativos. Ao final era simplesmente falta de zinco. Eu reforcei a vitamina, e os furúnculos nunca mais apareceram. Me veio, também, a intuição de que eu não devia comer mais carne de porco. Eu cortei a carne e porco tomei as

vitaminas e os furúnculos nunca mais voltaram. Foi incrível!!!! Foi incrível!!! Sete dias depois do dia 31, eu consegui emprego de uma forma também muito curiosa. Eu comecei a trabalhar como cuidadora de adolescentes refugiados da Síria e do Afeganistão. O que aconteceu de curioso foi o seguinte: mesmo não sendo assistente social, que era um pré-requisito para conseguir a vaga, eu fui selecionada. Eles aceitaram meu currículo. Na entrevista, o dono da empresa, simplesmente não me deixava falar. Ele estava encantado com meu currículo e com minha presença. Não precisar falar me deu uma grande tranquilidade, porque meu alemão naquela época era bem fraco. (risos) Foi assim que consegui meu trabalho, fui contratada. No mês seguinte, eu já tinha meu próprio dinheiro. Eu não dependia mais do meu ex-marido para fazer uma visita ao *Ile Oba Sileké*. Vim na Festa de Iemanjá, quando escutei o toque para *Oxóssi* eu bolei no Santo. (Bolar no Santo é uma estado de incorporação. O *Orixá* está ali em estado bruto, tomou a cabeça de seu filho, cobrando sua iniciação.) Foi, neste dia, 2 de fevereiro de 2016 que conheci o *Babá*. Ele ficou impressionado, porque cheguei na casa bolando e ele viu que eu era do Candomblé. Eu fui vestida de baiana, eu tinha minhas miçangas e meu contraegun. A primeira coisa que o *Babá* me perguntou foi se eu ia iniciar. Eu respondi que sim, 2017 tá prometido para o Santo. Disse que ia fazer no Brasil.

Em abril voltei ao Ilê para a festa de Oxóssi, o meu pai. Bolei novamente. Eu fiquei assustada. Eu sabia que tinha uma questão psicológica, porque a única falta que eu sentia do Brasil a era a falta do Candomblé. Parentes e amigos não sinto falta, sei que estes afetos se constroem com o tempo no envolvimento com o lugar que você vive. Eu não sou de me prender e de me apegar às coisas e às pessoas. Mas eu falava sempre que se eu precisasse voltar ao Brasil o único motivo seria o Candomblé.

Resumindo, foi assim que eu conheci a minha casa, que conheci meu *Ilê Obá Sileké!* **Sou a primeira filha feita para Oxóssi e a terceira dentro dessa casa. Digo isso com muito orgulho. Foi um presente que eu não esperava, eu não esperava mesmo. Agora eu entendo porque eu vim para Alemanha. Eu vim para Alemanha para me reconhecer, para me reconstruir e para achar a minha casa. A casa que eu precisava ficar.**

Tem muita falta de informação em relação ao Candomblé. E muitas pessoas procuram o Candomblé para resolver problemas financeiros ou fracassos amorosos. O Candomblé não se resume a oferecer uma oferenda para conquistar o que preciso. Este tipo de atitude me incomoda muito. **O Candomblé é um espaço de cura, de convivência diária com as forças da natureza. O Candomblé é um lugar de autorreflexão, de autoconhecimento e de crescimento espiritual.**

Esta busca individual se expande para a própria comunidade do Candomblé, o próprio *egbé*. *Egbé* significa comunidade em yorubá, irmandade. Então você está em contato consigo mesmo e com os outros. Se modificando e se melhorando através do convívio com as diferenças. Só dá pra ser melhor que si mesmo a cada dia. Quero dizer que não quero ser melhor do que o outro e sim do eu mesma a cada dia. Esse foi um dos maiores aprendizados que eu tive na vida: eu vim me reconhecer, me aceitar com todas as problemáticas e com todas as questões que trago e vim também ser aceita nessa diversidade, nessa amplitude. Eu vim para Alemanha para isso. Hoje isso é muito claro para mim. Eu precisava colocar minha pedra aqui. Eu precisava assentar a minha pedra neste lugar e viver para o sagrado até aonde meu corpo físico precisar ir.

Nós, indivíduos diaspóricos, precisamos de um lugar para sanar as nossas dores. Precisamos de um lugar para ter um pouco de conforto, acolhimento, carinho e segurança. O *Ile Obá Sileké*, aqui em Berlim é esse lugar.

E sabe qual foi minha primeira responsabilidade aqui no *Ilê*? Cuidar das plantas. *Babá* colocou nas minhas mãos esta tarefa. E foi muito, muito, muito lindo!!! Eu agradeço a meu pai eternamente por isso! Eu tinha um jardim em Leipzig. Eu morava numa casa muito legal e através desse jardim eu fui conhecer a terra alemã. O

que é possível de ser cultivado neste solo. Como trazer as espécies da flora brasileira para cá?

Ao mesmo tempo que ficava nessa busca, pesquisando, fui conhecendo plantas brasileiras que existem na Alemanha. O Candomblé é muito rico e diverso, por exemplo, as folhas do Candomblé de Angola são diferentes das folhas dos ritos do Candomblé de Ketu.

Esta descoberta me motivou a pesquisar a origem das plantas medicinais e as semelhanças entre espécies. Descobri que existe uma base análoga em todas as espécies vegetal. Descobri também que ao debruçar o olhar sobre o ambiente que nos encontramos achamos as respostas. Pesquisar as plantas, reconhecer espécies me ajudou a melhorar meu alemão. Foi muito trabalho, muito mesmo. Como eu não tinha dinheiro para arcar com curso de alemão, eu sempre estudei sozinha. As pesquisas com as plantas foi minha escola. Como sou professora, esse exercício me era familiar. É o papel de um professor: saber ensinar e também saber aprender.

A minha função no *Ilê Obá Sileké*, eu gosto de brincar, é de *yawo* multiuso. *Yawo* é uma filha de santo já iniciada na feitura, mas que não completou o período de 7 anos de iniciação. Só após os 7 anos, a *yawo* se tornará uma *egbon* (irmã mais velha). Mas mesmo não sendo uma irmã mais velha, eu tenho um cargo apontado. O que significa ter um cargo apontado? Significa que

daqui a alguns anos - eu estou com 3 anos e meio de santo, estou no meio do caminho - daqui a mais 3 anos e meio completam 7 anos e eu serei a *Iyakekêre* dessa casa, Mãe Pequena, a segunda sacerdotisa da comunidade.

Esta é uma contradição alucinante, tem um vendaval dentro de mim. O tempo da *yawo* é o tempo de aprendizado. Aí vem o *Orixá* junto com o destino, porque está tudo predestinado, e me pregaram uma peça. Eu sempre amei o Candomblé, mas como uma boa filha de Oxóssi eu adoro um distanciamento. Eu gosto de estar presente, mas eu gosto do meu isolamento. Gosto de estar antissocial e ficar ali no meu cantinho. Ficar um tempo sem ver as pessoas. Ficar sem encontrar para depois voltar a encontrar. Esta é uma característica da minha personalidade.

Quando eu morava Leipzig, eu vinha 3 vezes no mês para o *Ilê*. Eu vinha para as funções regulares da casa, toda quarta-feira nos encontramos. Neste período, programava minhas férias para ficar aqui dentro do *Ilê*. Mas tem 2 anos que o *Orixá* me mandou para Berlim. Tudo aconteceu de uma forma tão surreal! Resultado: estou morado a 10 minutos daqui da casa, do *Ilê*. Eu estou aqui quase todos os dias, só me dou uma folga quando eu sinto que preciso. Porque é importante também este respiro. Nestes 2 anos eu fui aprendendo muitas coisas, um pouquinho de cada função para

ajudar os outros filhos. Porque sendo uma das filhas mais velhas da casa – sou uma pessoa que está sempre presente fazendo parte de todos os preceitos e obrigações – uma das minhas funções é instruir os filhos, ensinar como funcionam as atividades da casa. Também delego funções e tarefas instruídas pelo Pai de Santo. Eu tento cuidar dos filhos dessa casa. Quando estão recolhidos, eu me recolho com eles. Eu cuido das refeições: café da manhã, do almoço e jantar. Verifico se estão precisando de roupa, se tem um chazinho para servir. Eu também faço a comunicação com os familiares durante o recolhimento. Tem iniciação que demora mais, e a pessoa pode ficar recolhida por 21 dias. Eu recolho junto com ela pelo tempo que for preciso, para dar uma assessoria plena.

Também estou junto da organização para que as Festas aconteçam, as Festas dos *Orixás*. Ver se os instrumentos musicais ritualísticos estão em ordem até as pequenas coisas como ver o que está faltando de material de limpeza.

A casa aqui é relativamente nova, 15 anos não é nada. Mas ao mesmo tempo é muito.

Nós ainda não temos um *egbon* na casa. Eu vejo que daqui a alguns anos, nós vamos nos firmar ainda mais. As pessoas entendendo os seus papéis e entendendo a dinâmica. Daqui a 7 anos este Candomblé vai ser

outro!!!

Os filhos da casa vão ganhar uma consciência maior pela vivência. O Candomblé é vivência. O aprendizado está no dia a dia, nas tarefas mais banais como, por exemplo, lavar um banheiro. Quando limpamos uma coisa, nós também estamos nos limpando. É um estado de meditação. Você vai limpando e entrando mais e mais dentro de si e, neste processo, você vai entendendo seu papel. Este nível de consciência, cada integrante ciente da sua função e do seu valor, vai levar a Colmeia Ilê a funcionar de forma mais leve e fluida. As pessoas não se valorizam tanto quanto deveriam, porque não se compreende interiormente e nem compreendem o valor daquilo que fazem.

Eu gostaria de trazer agora uma reflexão pessoal: Por que estou dentro do Candomblé?

Primeiro: Porque eu sou preta. Segundo porque meu pai é preto. Terceiro porque a minha vó é preta. Quarto porque a minha tataravó é preta e era escrava. A minha avó já nasceu livre. Meu pai ele só pôde estudar até a quarta série primária. Mas a minha avó falou para o meu pai: “Você não conseguiu, mas a sua filha vai conseguir.”

Eu fui a primeira geração que conseguiu chegar na Formatura. Mas eu sempre senti falta de um espaço

de pertencimento, de origem, e de alguma forma eu sabia que a academia não era o lugar para uma mulher negra. Como feminista, eu encontrei no “Bloco das Pretas” o feminismo negro, mas ao mesmo tempo eu percebi que ali não era o meu lugar de militância. Eu sentia falta da minha raiz e o Candomblé preencheu este vazio. **O meu lugar no Candomblé está ligado a minha ancestralidade de mulher negra: eu trago, perpetuo e immortalizo a minha ancestralidade negra aqui. Esta ancestralidade permite que minha raiz dê flores, eu afloro trabalhando aqui dentro. Para mim o Candomblé é um espaço de militância. Foi este lugar que escolhi para continuar sendo voz.** Eu falo isso porque o Candomblé, no seu histórico de sobrevivência, ele se abre, se expande e se reinventa. O Candomblé nasceu dentro de um núcleo da família. Até hoje é comum ver, por exemplo, os filhos biológicos de Pais e Mães de Santo assumirem papéis na hierarquia do Candomblé. Eu sinto que a minha avó católica cortou nossa linhagem ancestral. O meu pai é católico. A minha mãe morria de medo do Candomblé. **A minha mãe é uma mulher branca que demorou de me aceitar como uma mulher candomblecista. Eu sei que preciso recuperar a minha linhagem, porque ela foi perdida. A história do preto foi completamente negligenciada. Ao mesmo tempo em que esta história negra para mim fica muito clara dentro do Candomblé. Eu recupero aqui dentro do Ilê, meu passado. Aqui eu tive contato com a minha ancestralidade e meus ancestrais. É**

aqui que a ancestralidade me fala e me mostra quem ela é e quem eu sou. Aqui eu me reconheço. Eu vejo que apesar de tudo que aconteceu, historicamente falando com os negros brasileiros, eu ainda consigo achar a linha que me une a minha ancestralidade perdida. Esta linha está no Candomblé! Eu sou uma militante dentro do Candomblé. Agora, talvez você entenda melhor o por que eu quero tanto estar aqui. Porque eu me nutro tanto com tudo isto aqui. Porque aqui a minha raiz está sendo fortalecida. Porque aqui a minha ancestralidade está sendo fortalecida. Eu espero que neste caminho a ancestralidade negra esteja me usando, para que eu continue perpetuando o que se firmou no Brasil enquanto religião afrodescendente. Eu sou realmente religiosa. **Vejo esta religião, o Candomblé, como um espaço político. É um espaço de luta contra o racismo. No Brasil o Candomblé é perseguido, difamado e discriminado. Ataque a templos e agressões físicas, faz parte da realidade do Candomblé no Brasil. É a única religião que não é aceita. As tentativas de silenciamento são inúmeras. Não vemos manifestações tão violentas com outras religiões no Brasil como vemos contra os terreiros.** Em Berlim, aparentemente há uma tolerância religiosa. Mas é muito difícil encontrar pessoas com coração aberto para entender o que é realmente o Candomblé.

O que mais vemos é o Candomblé sendo colocado numa “caixinha” como um rito não civilizatório.

Como se a oralidade fosse algo menor que a escrita. Como se resguardar tradições fosse algo fora de moda. Tem um certo preconceito em tudo isso. Tudo acaba no exotismo. Isso me mata de raiva. O Candomblé é uma religião animista – o modo de ver os animais e as plantas e as pedras se dá numa outra gama de significados, de sentidos diferente da cultura ocidental judaico-cristã. É uma outra percepção de mundo que existe, mas que temos que conquistar o direito de existir. Ele existe, mas não é aceito. É um espaço de luta por direito de existir.

O *Ilê Obá Sileké* tem um papel fundamental por conta da sua localização geográfica – o Ilê está na Alemanha, no coração da Europa. Num lugar em que a lógica do capitalismo reina de forma brutal, em que as religiões judaico-cristãs tem muita força assim como o ateísmo domina mentes aqui. Essas vertentes são muito pesadas, pois determinam uma forma de pensar e de viver capitalisticamente. Tempo é dinheiro. Este é o lema daqui. O Candomblé contrapõe este lema, tem uma outra cosmovisão de tempo e de mundo. Tem outra forma de se relacionar com o dinheiro.

Mas também existem pessoas abertas aqui na Alemanha e que conseguem entender essas questões. Que conseguem perceber e sentir a energia cósmica que nos permeia, a energia que essa aqui e aí neste momento. Que compreende o culto às forças da

natureza, ao vento, à água personificados na forma dos *Orixás*. Percebem que esta energia trabalha em prol do nosso crescimento tanto espiritual quanto pessoal. Uma coisa não está separada da outra. Têm pessoas abertas que sentem, temos muitos filhos da casa que são alemães.

As pessoas, aqui, se tornam adultas tecnocratas. Buscam soluções técnicas e racionais para os problemas, sem considerar aspectos humanos. Esta servidão ao trabalho baseada no individualismo. Os alemães não desfrutam da coletividade, não são seres do coletivo. O Candomblé é uma religião que opera no coletivo. Sem comunidade não há indivíduos, e sem seres singulares não há comunidade. Pense na solidão desse país, as pessoas se isolam e muitas morrem sozinhas no seu apartamento e só se sabe tempos depois... pelo cheiro do cadáver. As pessoas não curtem o contato uma com as outras. A comunidade do Candomblé atrai pessoas que não querem mais viver isoladas.

O Candomblé é de estrutura matriarcal. A origem do candomblé é matriarcal, o candomblé foi criado por mulheres. As “escravas de ganho”, no contexto do Brasil colonial, eram escravas que procuravam nas ruas uma ocupação pagas. Muitas montavam tabuleiro na rua, amamentando filhos. Elas vendiam seus quitutes: acarajé, abará, cocada. Vendiam também

utensílios, roupas. Elas faziam dinheiro com essas atividades e compravam sua alforria. Ainda sobrava um trocado para tocar tambor e reverenciar os *Orixás*. Aí esta a raiz do Candomblé, nestas mulheres, as veias que transportaram o Axé por todos os terreiros. O *Ilê Obá Sileké* é predominantemente feminino.

